ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA
E
HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME VI

LISBOA MCMLV

Arqueologia e História

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

1.ª Série

Arquivo de Architectura Civil — Jornal dos Architectos Portuguezes e Archeologos, 10 fascículos (1865)*.

2.ª Série

Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, volumes I (1876)*, II (1880)*. III (1882)*, IV (1886)*, V (1888)* e VI (1890)*.

3.ª Série

Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, volumes VII (1893)* e VIII (1900)*.

4.ª Série

Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, volumes IX (1901), X (1904) e XI (1907).

5.ª Série

Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, volumes XII (1910) e XIII (1913)*.

6.ª Série

Arqueologia e História, volumes I (1922)*, II (1923)*, III (1924), IV (1925), V (1926), VI (1928), VII (1929), VIII (1930), IX (1930) e X (1932).

7.ª Série

Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, volumes I (1934)*, II (1936), III (1937), IV (1938), V (1941), VI (1942) e VII (1943).

8.ª Série

Arqueologia e História, volumes I (1945), II (1946), III (1947), IV (1947) e V (1951).

Os volumes marcados com * estão esgotados.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA
E
HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME VI

LISBOA ✤ MCMLV

Publicação subsidiada pelo Instituto
de Alta Cultura

TÁBUA DAS MATÉRIAS

Cavaleiros da Ordem de Cristo no Século XVI

por

António Machado de Faria

Cavaleiros da Ordem de Cristo no Século XVI

ENCONTRÂMOS na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, ao consultar os seus manuscritos, um Catalogo dos Cavaleiros da Ordem de Christo que tomaram o habito no reynado del Rey D. Manoel e nos seguintes reinados, *o qual ocupa as folhas 136 a 187 do códice n.º 656, que contém papéis vários.*

O Catálogo, *escrito no século XVIII, é da mão do P.e Jacinto Leitão Manso de Lima, bem conhecido genealogista, como se verifica pela letra, visto não ter qualquer nota de autoria, posta por quem o organizou, nem ela se encontrar identificada na Biblioteca.*

Este catálogo acha-se organizado pelas letras do alfabeto, dentro das quais há, sòmente, a aliteração dos nomes baptismais. Cada letra está dividida em reinados. Dentro destes, os nomes dos que tomaram hábito foram dispostos por ordem cronológica, muitíssimo imperfeita.

Se é certo que nas Ordens Militares não se podia entrar sem provanças que mostrassem estar o impetrante nas condições exigidas pelos respectivos estatutos, não é menos certo que não chegaram até nós os competentes processos, ou por não se arquivarem ou por outra circunstância actualmente ignorada.

Devia, talvez, haver grande número de admissões sem provanças, por motivos ponderosos, o que justifica, em parte, o não existirem muitíssimos processos dos séculos XVI e XVII, mas, mesmo assim, continuam a faltar os das centúrias anteriores. É inadmissível que nos tempos precedentes se não inquirisse das qualidades dos pretendentes, quer debaixo do ponto de vista de genere, *quer do* de vita et moribus. *Pode ser que se não formasse processo no sentido actual da palavra, isto é, conjunto de peças documentais e testemunhais reunidas em caderno, mas que os depoimentos das testemunhas e a transcrição ou suma dos documentos fossem lançados em livro, o que equivalia ao mesmo. Haja sido qualquer destas a forma das provanças, pode-se afirmar que elas não chegaram a nossos dias, nem, tão pouco, existiam já alguns séculos atrás, pois os escritores antigos são omissos a tal respeito, facto estranhável mesmo enquanto os arquivos das Ordens não foram abertos aos estudiosos do Passado.*

Igualmente não existem registos dos que tomaram o hábito monacal ou de cavaleiros das Ordens, circunstância que nos priva do conhecimento de quem as compôs, se bem que muitos dos seus nomes se encontrem referidos nas genealogias e mencionados nas crónicas, documentos régios e notariais, assim como nos ditos de testemunhas, sempre, porém, como elemento biográfico que convinha referir, já para prova de limpeza de sangue e de bons costumes, já para mostrar recompensa de feitos ou existência de privilégios.

Por estas circunstâncias torna-se não sòmente curioso, mas de valor, o rol existente em manuscrito na Biblioteca da Universidade de Coimbra. Quem o organizou pôde, de certo, consultar o cartório da Ordem de Cristo, mas não recolheu os subsídios mencionados dos processos que, então, existiam nem do registo do lançamento de hábitos ou, se o fez, por falta de tempo, utilizou a documentação muito sumàriamente, porquanto não aproveitou naturalidades, nem filiações, elementos indispensáveis para a identificação de homónimos, que, na época, eram numerosos. Pode-se, ainda, admitir que a relação foi ministrada a Manso de Lima pelo escrivão

da Ordem ou qualquer outra pessoa que tivesse entrada no cartório e que, por o trabalho ser fastidioso, o reduzisse ao mínimo.

Na Regra *aprovada no capítulo que o Rei e governador do mestrado fez no mosteiro de Tomar em 8 de Dezembro de 1503, posteriormente publicada* (1), *se lê nas folhas 46 e 47, «capítulo líx. do liuro da matricola que se fara dos caualleiros que emtrarem na ordem», o seguinte:*

«Itẽ. Por q̃ atee ora nõ achamos que neste cõuẽto fosse feito liuro de matricola dos caualleyros que som prouidos per ordenãça e mãdado de nosso mestre ou gouernador do auito de nossa ordẽ e que nella entrã e pareçeo cousa muyto desordenada. Mãdamos a dõ prior do cõuẽto que loguo mande fazer huũ liuro de porgaminhos de boõa grãdura e muy bem enquadernado de suas tauoas e toda outra guarniçã no q̃ loguo mãde assentar todos os caualleiros que agora ha em esta nossa ordẽ per suas ãçianidades o milhor e mais verdadeiramente que se possa fazer decrarando o dia mes e anno em que cada huũ entrou se assi poder ser achado. E daqui em diante se assentem no dito liuro todos aquelles que forem proueidos do dito auito e em nossa ordeẽ entrarem decrarando o dia mes e era em

---

(1) Francisco Inocêncio da Silva diz no seu *Diccionario* supor-se que esta *Regra* foi publicada em Lisboa, no ano de 1504, por Valentim Fernandes. Parece, todavia, não ser esta a data da impressão porque nas *Definições, e Estatutos dos Cavalleiros, e Freires da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, com a historia da origem, e principio della, offerecidos ao muito alto, e poderoso rey D. João V. nosso senhor,* Lisboa, 1746, na página 7, se informa que o papa Júlio II, a pedido de D. Manuel, em 1505 confirmou as Definições e Estatutos feitos pelo Bispo de Viseu e algumas do dito rei, por haver dúvidas acerca das Definições do capítulo de 1503. Embora na edição de 1746 se não faça referência a esta data não será ela a da impressão ou ainda anterior? Não há notícia de outra Regra impressa no século XVI.

A primeira folha da publicação mencionada, talvez o rosto, tem: ¶ A *regra e diffincoões da ordem do mestrado de nosso senhor Jesu christo.*

que foram prouijdos e reçebidos ha ordem. E cõ decraraçam daquelles que logo fezerem profisã antes do anno e dia da prouaçam se assy loguo lhe for feyta pello mandado do mestre e se nom quando ha fezerem sera assi decrarado na dita matricola como a fez e em que tempo. E mãdamos ysso messo que como se souber no conuento que alguũ comendador ou caualleiro he faleçido se ponha no dito liuro detras do jtem de cada huũ como he falleçido e em que tempo falleçeo.»

Do passo acima transcrito se vê que nessa época já não havia livro de matrícula, nem certamente róis dos cavaleiros, pois o substituiriam, embora com deficiência, a não ser que estes fossem muito incompletos. Devia a falta de registo vir já de longe, porque não se fala, sequer, no seu desaparecimento, que julgamos facto certo, ainda que não encontradas provas dele. Perda ocasional, furto? Não se sabe.

Não parece, acentuamos, que fosse do livro de matrícula estabelecido na Regra saída do capítulo de 1503 que o autor do manuscrito da Biblioteca da Universidade de Coimbra colheu os elementos necessários à elaboração do rol, porque se os houvesse tirado daí não deixaria de aproveitar as demais circunstâncias pessoais referentes a cada um dos cavaleiros.

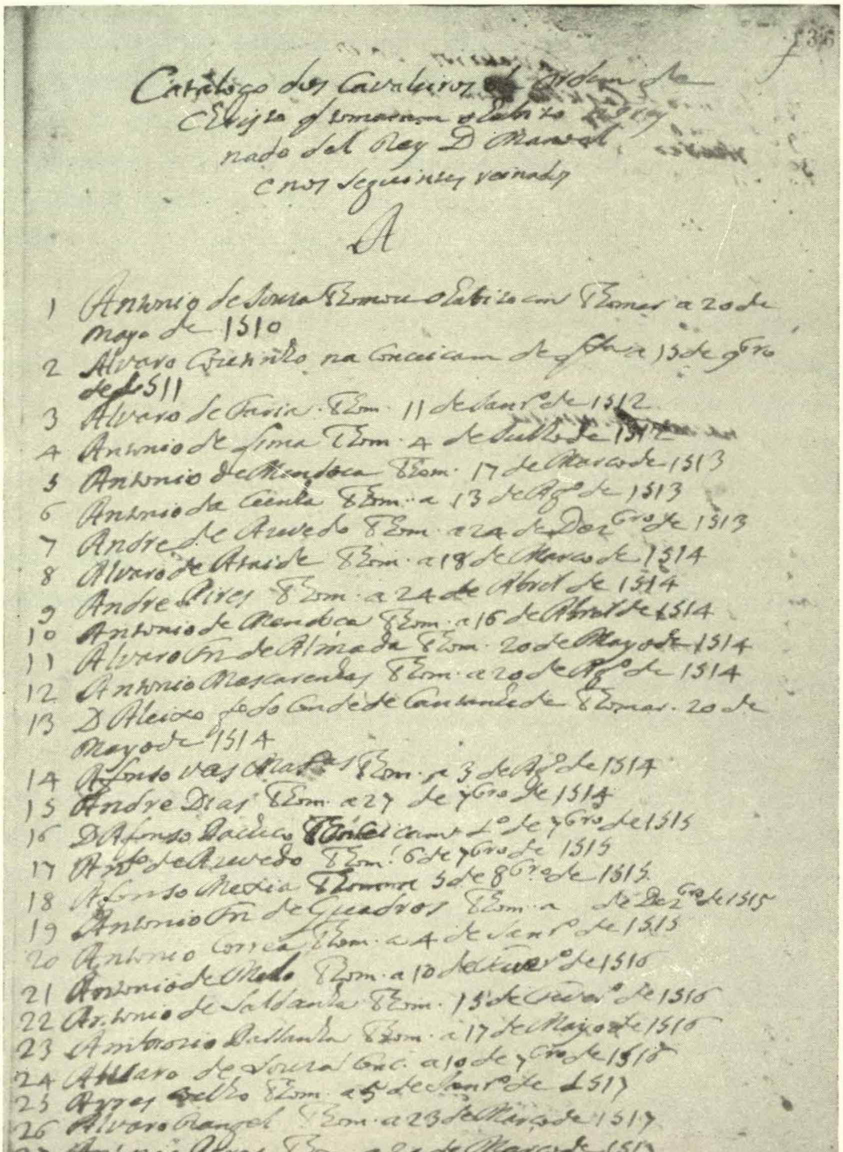
Fala a mesma Regra *da idade e qualidade necessárias para ser admitido na Ordem, matéria de que se ocupa o capítulo VIII* (2), *dizendo — O cavaleiro que há-de ser recebido por freire para haver comenda e poder ser mestre deve ser homem fidalgo ou bem criado, que seja cavaleiro ou escudeiro conhecido por bom e que passe de 15 anos ao menos e que não passe de 50 anos; e o capítulo X* (3), *informando — Se o que for eleito para freire comendador ainda não for cavaleiro deve-o primeiro ser antes*

---

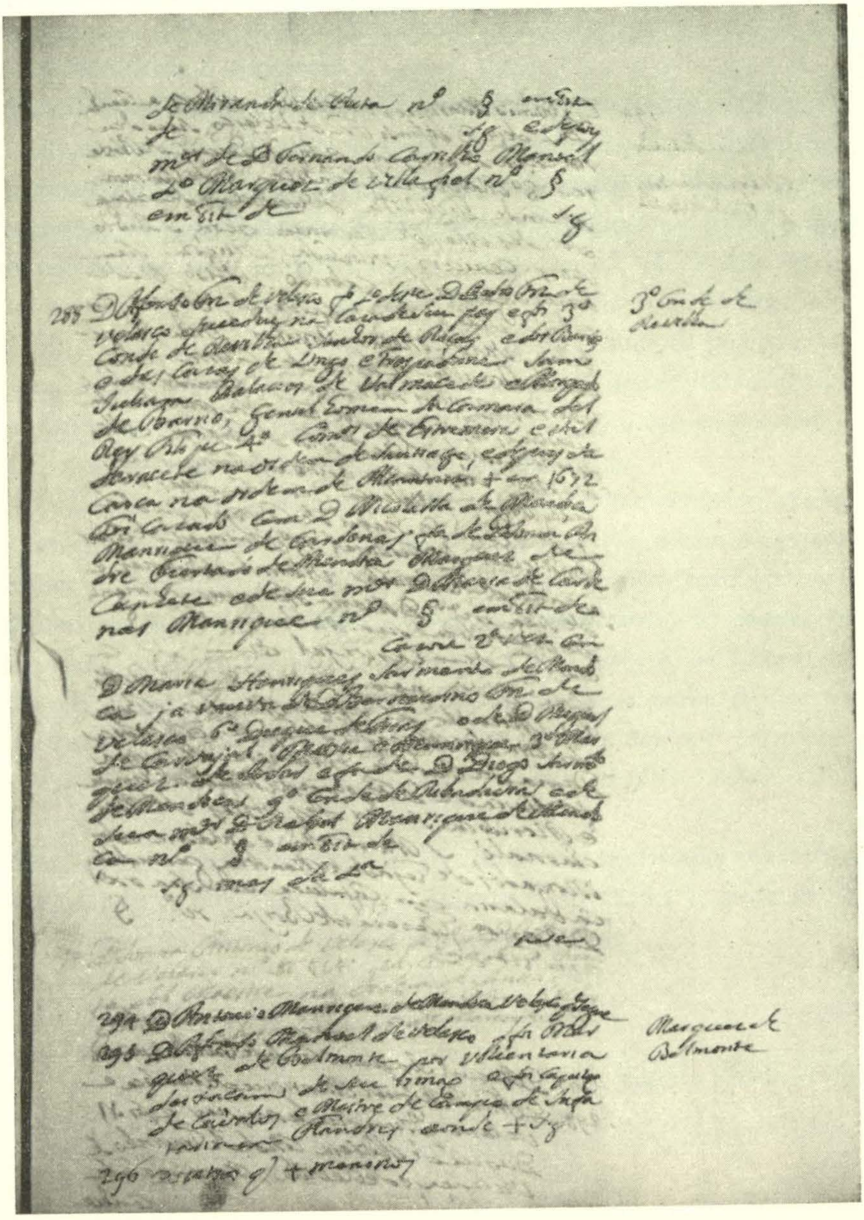
(2) Folha 18 verso.

(3) Folha 19.

(4) Lisboa, por Pedro Craesbeeck, impressor del-Rei.



Anverso da primeira folha do Catalogo dos Cavaleiros da Ordem de Christo, *existente em manuscrito na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*



Anverso de uma folha das Familias de Portugal, *nobiliário de Jacinto Leitão Manso de Lima, existente no Fundo Geral da Secção de Reservados da Biblioteca Nacional*

que entre na ordem e depois lancem-lhe o hábito porque depois que o houver é dúvida se o pode ser.

Quanto ao primeiro assunto, o do registo dos cavaleiros, as Definições e Estatutos dos Cavalleiros & Freires da Ordem de N. S. Iesu Christo, com a historia da origem, & prìncipio della, *publicados em 1628* (4)*, tratam diversamente da matrícula no «§. II. Como o Caualleyro receber o habito será assentado no liuro da matricula»* (5)*, lendo-se aí: «E Depois das ceremonias acabadas, o Escriuaõ da matricula, ou Notario da Ordem, assentarà logo o dito nouiço no liuro da matricula dos nouiços por seu nome, & de seu pay, & officio, ou dignidade que tiuer, & donde he natural, & o dia mes e anno em que lhe foy lançado o habito, & disso se passara certidão, & o nouiço dará hũa esmola que lhe parecer.»*

No «§. IIII. Que o treslado da matrícula dos Comendadores, & Caualleiros, esteja na mesa de ordẽs, ou na Concepção» (6)*, dizem as referidas* Definições e Estatutos: *«E Porque os actos da Ordem para que podem ser chamados os freires Cõmendadores, & Caualleiros, se podem fazer algũas vezes fora do conuento de Thomar, em Lisboa, ou outra parte, & para se saber a antiguidade de cada hũ conuem verse a matricula. Diffinimos que o traslado della authẽtico, esteja sempre na mesa de Ordẽs, ou na igreja da Concepção, para por ella se poder saber o sobreditto.»*

Esta determinação relativa ao traslado da matrícula encontra-se, também, expressa nas Definições e Estatutos *de 1746* (7)*, onde se eleva a idade mínima da admissão na Ordem para 18 anos.*

---

(5) Da 1.ª parte, título XXI «Do modo em que se hade lançar o habito ao Caualleyro», pas páginas 104 e 105.

(6) Da 1.ª parte, título XXXV, na página 149.

(7) Página 36.

(8) Folha 48.

Depois de se haver reunido o capítulo em 8 de Dezembro de 1503, por sua deliberação se estabeleceu, o que, talvez, ainda não existisse com tanta segurança, que as chaves do cartório do mosteiro de Tomar, em número de três, ficassem uma na posse do D. Prior, outra na do Vigário e a terceira na do sacristão da casa, quando não houvesse escrivão do cartório, porque quando aí o houver a terá ele e não o sacristão, conforme diz a mencionada Regra e Estatutos, *acrescentando: «E mãdamos a aquelle que teuer as chaues do dito cartorio que nesta maneira entregue as ditas chaues aas ditas pessoas», frase que justifica a nossa suposição de o cartório estar, até então, pouco resguardado, facto do qual, de certo, resultou a perda de muita documentação, sobretudo da de carácter pessoal, que os interessados recolheram validos da complacência da pessoa que guardava as três chaves.*

A relação que apresentamos tem, a par do interesse de nos dar a conhecer algumas centenas de pessoas que pertenceram à Ordem de Cristo no século XVI, o mérito de indicar a data em que receberam o hábito e, às vezes, até o local onde lho lançaram.

Infelizmente, o catálogo tem deficiências grandes, pelo que parte importante dos nomes não é identificável. Serve, contudo, para apor a data em que receberam o hábito de cavaleiros aos que já se sabia pertencerem à Ordem.

Da sua idade se poderá avaliar pelos limites atrás referidos, conforme estabelecia a Regra.

Há no rol nomes iguais, não só dentro do mesmo reinado, mas em diversos, caso este que, apenas, oferece dúvidas quando as datas são muito próximas, porque leva à admissão de se tratar da mesma pessoa. Sabe-se e já acima a tal aludimos, que os homónimos eram numerosos, particularmente no século XVI, devido à existência de pessoas com estreito parentesco entre si, que possuíam nomes iguais por ser o de um antepassado comum. Às vezes uma palavra diferencial, como o velho *e* o moço *ajudam-nos a distinguir as pessoas; outras, porém, só o conhecimento de uma*

alcunha, muito vulgares na época, permite a identificação. No catálogo que publicamos não há acessórios nominativos que auxiliem o investigador.

Se os nomes iguais correspondem às mesmas pessoas (9), *que significam datas diferentes? Lançamentos e confirmações de hábitos? Graus diversos?*

As Regras *da Ordem são omissas acerca do assunto.*

O organizador do catálogo numerou, seguidamente, os nomes dentro de cada letra, mas com pouco cuidado, visto existirem números duplicados. Esta numeração facilita as citações no índice e a aposição de notas, as quais tencionamos fazer na segunda parte do trabalho.

Publicou o Sr. Dr. António Baião «Algumas provanças da Torre do Tombo no século XVI» (10)*, trabalho onde se podem ler sumários das habilitações para entrada nas Ordens Militares de Cristo, Avis e Sant'Iago e*

---

(9) Entre os muitos nomes que se encontram repetidos escolhemos, para exemplo, alguns que, certamente, não são de homónimos, mas pertencem à mesma pessoa e indicamos as datas com que figuram para se ver que a distância entre dois registos não obedecia a espaço de tempo certo, pelo que devemos admitir que se originava em nova mercê. Ei-los: D. Garcia de Albuquerque, em 3 de Novembro de 1517 e 9 de Julho de 1532; Fernão Álvares de Almeida, em 5 de Janeiro de 1523 e 19 de Novembro de 1562; Fernão Peres de Andrade, em 16 de Setembro de 1517 e 18 de Abril de 1534; Aires Botelho, em 27 de Setembro de 1523, 24 de Julho de 1529 e 7 de Outubro de 1535; António de Castilho, em 8 de Julho de 1517 e 11 de Julho de 1536; Fernão Vaz Sernache, em 27 de Abril de 1529 e 12 de Janeiro de 1540; Estêvão da Gama, em 5 de Maio de 1519 e 16 de Janeiro de 1521; Gaspar de Landim, em 5 de Março de 1553 e 9 de Março de 1559; D. Fernando de Noronha, em 26 de Outubro de 1528 e 16 de Junho de 1535; Álvaro de Ornelas, em 12 de Setembro de 1521 e 5 de Abril de 1534; António Fernandes de Quadros, em 12 de Maio de 1515 e 8 de Dezembro de 1534; Álvaro do Tojal, em 4 de Dezembro de 1518 e 31 de Agosto de 1533; e Francisco Maria Visconti, em 16 de Janeiro de 1563 e 16 de Novembro de 1564.

(10) Nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal,* volume II, Lisboa, 1916, páginas 26 a 36, 99 a 118 e 151 a 162.

dos mosteiros de Santa Cruz, de Coimbra, e da Trindade, de Lisboa. Entre os poucos sumários que aí se encontram da Ordem de Cristo, só um parece referir-se ao processo de pessoa contida no catálogo: Pedro Simões, habilitado em 1564, o qual, na relação, se diz haver recebido o hábito em 24 de Novembro desse ano.

Não se conservou a ortografia do rol, por não oferecer interesse, visto ser cópia muito posterior à época a que se refere, mas respeitou-se a forma de certos nomes e apelidos, cuja incorrecção é evidente, para os transmitir tal como se encontraram, visto que alterar certos nomes obrigava a mudar-lhes a inicial por que foram aliterados e, por conseguinte, a desmanchar o conjunto.

Catalogo dos Cavaleiros da Ordem de Christo que tomaram o habito no reynado del Rey D. Manoel e nos seguintes reinados

A

1 António de Sousa tomou o hábito em Tomar a 20 de Maio de 1510
2 Álvaro Coutinho na Conceição de Lisboa a 15 de Novembro de 1511
3 Álvaro de Faria, Tomar a 11 de Janeiro de 1512
4 António de Lima, Tomar a 4 de Julho de 1512
5 António de Mendoça, Tomar a 17 de Março de 1513
6 António da Cunha, Tomar a 13 de Agosto de 1513
7 André de Azevedo, Tomar a 24 de Dezembro de 1513
8 Álvaro de Ataíde, Tomar a 18 de Março de 1514
9 André Pires, Tomar a 24 de Abril de 1514
10 António de Mendoça, Tomar a 16 de Abril de 1514
11 Álvaro Fernandes de Almada, Tomar a 20 de Maio de 1514
12 António Mascarenhas, Tomar a 20 de Agosto de 1514
13 D. Aleixo, filho do Conde de Cantanhede, Tomar a 20 de Maio de 1514
14 Afonso Vaz Mascarenhas, Tomar a 3 de Agosto de 1515
15 André Dias, Tomar a 27 de Setembro de 1514
16 D. Afonso Pacheco, Conceição a 1 de Setembro de 1515
17 António de Azevedo, Tomar a 6 de Setembro de 1515
18 António Mexia, Tomar a 5 de Outubro de 1515
19 António Fernandes de Quadros, Tomar a   de Dezembro de 1515

20 António Correia, Tomar a 4 de Janeiro de 1515
21 António de Melo, Tomar a 10 de Fevereiro de 1516
22 António de Saldanha, Tomar a 15 de Fevereiro de 1516
23 Ambrósio Passanha, Tomar a 17 de Maio de 1516
24 Álvaro de Sousa, Conceição a 10 de Setembro de 1516
25 Aires Coelho, Tomar a 5 de Janeiro de 1517
26 Álvaro Rangel, Tomar a 23 de Março de 1517
27 António Pires, Tomar a 24 de Março de 1517
28 António de Castilho, Tomar a 8 de Julho de 1517
29 António de Abreu, Tomar a 14 de Agosto de 1517
30 Artur de Brito, Conceição a 4 de Setembro de 1517
31 António Leite, Conceição a 24 de Setembro de 1517
32 André da Silveira, Conceição a 16 de Dezembro de 1517
33 Afonso Mendes de Oliveira, Tomar a 13 de Julho de 1518
34 André Mendes, Tomar a 9 de Outubro de 1518
35 António Pereira, Tomar a 16 de Novembro de 1518
36 Álvaro do Tojal, Tomar a 4 de Dezembro de 1518
37 Álvaro de Lemos, ... (*sic*) a 28 de Julho de 1519
38 Álvaro Martins, Tomar a 14 de Novembro de 1519
39 Álvaro de Boim, Tomar a 18 de Setembro de 1519
40 André Dias, Conceição a 24 de Setembro de 1519
41 Álvaro Henriques, Tomar a 8 de Setembro de 1519

Do ano de 1520 não há papel algum

42 André Teles, Tomar a 18 de Novembro de 1521
43 Afonso Dornelas, Conceição a 25 de Novembro de 1521
44 Álvaro Pacheco, Tomar a 6 de Outubro de 1521
45 Álvaro Dornelas, Tomar a 12 de Setembro de 1521
46 Aires Coelho de Figueiroa, Tomar a 16 de Fevereiro de 1521
47 Álvaro de Pina, Lisboa a 22 de Março de 1521
48 Álvaro do Couto, Conceição a 28 de Março de 1521
49 António do Couto, Lisboa a 17 de Agosto de 1521

Rei D. João o 3.º

Do ano de 1522 não há papel algum

50 Aires Botelho, no Convento a 27 de Setembro de 1523
51 António Leitão, Adail-mor, no Convento a 17 de Julho de 1523
52 Álvaro Velho, no Convento a 15 de Setembro de 1523
53 D. Afonso, aposentador-mor, Lisboa a 15 de Agosto de 1527
54 Mestre António da Ceuta, no Convento a 14 de Agosto de 1527
55 Afonso Teles, no Convento a 26 de Novembro de 1527
56 Alexandre de Freitas, no Convento a 9 de Novembro de 1527
57 Álvaro de Brito, no Convento a 27 de Fevereiro de 1527
58 António de Madureira, no Convento a 28 de Março de 1527
59 Afonso Lopes de Ávila, no Convento a 22 de Abril de 1527
60 Aspam (*sic*) Pires, no Convento a 10 de Agosto de 1527
61 António Fernandes, no Convento a 18 de Outubro de 1527
62 Afonso de Matos, Lisboa a 28 de Outubro de 1527
63 António Ferreira, no Convento a 9 de Novembro de 1527
64 António Sanches, na Conceição a 26 de Dezembro de 1527
65 António Figueira, a 9 de Novembro de 1528
66 António da Ventura, no Convento a 5 de Novembro de 1528
67 António Trigueiro, na Conceição a 14 de Outubro de 1528
68 António Pais, no Convento a 9 de Setembro de 1528
69 António Taveira, na Conceição a 7 de Novembro de 1528
70 António Tenreiro, no Convento a 11 de Setembro de 1529
71 Alberto Rolim, na Conceição a 14 de Novembro de 1529
72 António Monteiro, no Convento a 29 de Março de 1529
73 António Borges de Miranda, no Convento a 18 de Janeiro de 1529
74 Aires Pinto, na Conceição a 11 de Julho de 1529
75 André Caldeira, na Conceição a 10 de Março de 1529
76 Álvaro Botelho, no Hospício de Lisboa a 7 de Junho de 1529
77 António Pardo, no Convento a 6 de Dezembro de 1529

78 Aires Botelho, no Hospício de Lisboa a 24 de Julho de 1529
79 António Godinho, na Conceição a 13 de Dezembro de 1529
80 António de Macedo, na Conceição a 26 de Março de 1530
81 Afonso de Lugo, no Convento à 26 de Janeiro de 1531
82 Álvaro de Almeida, no Convento a 18 de Janeiro de 1532
83 António Cardoso, no Convento a 26 de Fevereiro de 1532
84 António de Paiva, no Convento a 26 de Janeiro de 1532
85 António de Miranda, no Convento a 27 de Fevereiro de 1532
86 André Farinha, no Convento a 8 de Abril de 1532
87 António Barbudo, no Convento a 6 de Janeiro de 1532
88 Afonso de Mena Salazar, no Convento a 1 de Abril de 1532
89 Afonso da Silveira, a 12 de Agosto de 1533
90 André Pires, a 10 de Abril de 1533
91 António de Mancelos, no Convento a 13 de Julho de 1533
92 Álvaro de Sousa, no Convento a 23 de Agosto de 1533
93 António da Cunha, no Convento a 18 de Maio de 1533
94 Afonso Martins, no Convento a 16 de Junho de 1533
95 D.or Afonso de Faria, no Convento a 15 de Junho de 1533
96 Afonso Baião, no Convento a 13 de Julho de 1533
97 António de Paiva, no Convento a 17 de Maio de 1533
98 Álvaro de Lemos, no Convento a 6 de Junho de 1533
99 André Teles, no Convento a 11 de Novembro de 1533
100 Álvaro Fernandes, no Convento a 18 de Maio de 1533
101 Álvaro Cabral, no Convento a 10 de Agosto de 1533
102 André da Silveira, no Convento a 8 de Julho de 1533
103 António Carneiro, no Convento a 15 de Junho de 1533
104 António de Araújo, no Convento a 23 de Agosto de 1533
105 André de Madureira, no Convento a 6 de Julho de 1533
106 Aires Pinto, no Convento a 18 de Março de 1533
107 António Ribeiro, no Convento a 23 de Junho de 1533
108 Álvaro do Tojal, no Convento a 31 de Agosto de 1533

109 Afonso Vieira, no Convento a 2 de Outubro de 1533
110 António Álvares Brandão, no Convento a 18 de Março de 1533
111 Afonso Cavaleiro, comendador da Ordem de Cristo, no Convento a 16 de Junho de 1533
112 António de Mendoça, no Convento a 2 de Junho de 1533
113 Álvaro de Boim, no Convento a 19 de Maio de 1533
114 André da Silva, no Convento a 10 de Agosto de 1533
115 Álvaro Dias, no Convento a 31 de Agosto de 1533
116 António de Moura, no Convento a 10 de Abril de 1533
117 Álvaro Pereira, no Convento a 6 de Julho de 1534
118 Afonso de Albuquerque, no Convento a 16 de Outubro de 1534
119 António Teixeira, no Convento a 6 de Janeiro de 1534
120 António de Araújo, no Convento a 2 de Fevereiro de 1534
121 António Perestrelo, no Convento a 6 de Dezembro de 1534
122 António de Miranda a 13 de Julho de 1534
123 Álvaro Casado a 13 de Dezembro de 1534
124 Álvaro Dornelas a 5 de Abril de 1534
125 António de Saldanha a 6 de Agosto de 1534
126 Álvaro Botelho Caldeira a 9 de Agosto de 1534
127 Álvaro de Sousa a 10 de Dezembro de 1534
128 António Fernandes de Quadros a 8 de Dezembro de 1534
129 Aires Botelho a 7 de Outubro de 1535
130 António Pinto a 16 de Junho de 1535
131 D. Afonso de Castelo-Branco a 30 de Maio de 1537
132 António Pinheiro a 5 de Novembro de 1536
133 André Antunes a 31 de Março de 1536
134 António de Sousa a 5 de Junho de 1536
135 António de Castilho a 11 de Julho de 1536
136 André Henriques a 2 de Abril de 1536
137 António Coutinho a 3 de Outubro de 1536
138 António de Sequeira a 19 de Janeiro de 1536

139 Álvaro Botelho a 26 de Janeiro de 1536
140 António de Saldanha a 2 de Maio de 1537
141 António Gentil a 7 de Outubro de 1539
142 Álvaro Martins Cardoso a 17 de Outubro de 1539
143 António de Madureira a 10 de Dezembro de 1539
144 António Frade a 16 de Agosto de 1539
145 António Ferreira a 12 de Outubro de 1540
146 António Pires a 4 de Setembro de 1540
147 António de Valadares a 13 de Fevereiro de 1540
148 Aires de Sousa a 1 de Maio de 1541
149 Aires Lopes a 8 de Junho de 1541
150 Aires Pires Cabral a 20 de Fevereiro de 1541
151 António Fernandes Jaques a 8 de Agosto de 1541
152 Afonso de Galta a 18 de Agosto de 1542
153 António de Azevedo a 6 de Julho de 1538
154 André Gonçalves a 23 de Janeiro de 1538
155 Álvaro Barreto a 2 de Fevereiro de 1543
156 António Pires do Canto a 23 de Janeiro de 1543
157 Agostinho Cerveira Botelho a 14 de Fevereiro de 1543
158 António Pais a 21 de Outubro de 1544
159 António de Loureiro a 12 de Janeiro de 1544
160 Dr. António Manuel a 27 de Dezembro de 1545
161 António Lázaro a 24 de Janeiro de 1546
162 D. Álvaro Gonçalves de Ataíde a 16 de Dezembro de 1546
163 D. Álvaro de Sousa a 16 de de 1546
164 António Gonçalves Figueira a 21 de Dezembro de 1546
165 Álvaro Antunes a 16 de Dezembro de 1546
166 António Machado a 6 de Outubro de 1546
167 António Pereira Correia a 30 de Janeiro de 1547
168 António Banha a 20 de Fevereiro de 1547
169 António Dias a 25 de Maio de 1547

170 Álvaro Peres de Andrade a 16 de Setembro de 1547
171 D. Álvaro de Lima a 12 de Novembro de 1547
172 Aires Gomes da Silva a 13 de Agosto de 1548
173 D. Álvaro Coutinho a 22 de Novembro de 1548
174 António de Melo a 20 de Agosto de 1548
175 D. António da Cunha a 10 de Março de 1551
176 D. Afonso Manuel a 2 de Março de 1551
177 D. António de Ataíde a 4 de Junho de 1551
178 D. António de Melo a 20 de Julho de 1551
179 D. Álvaro de Castro a 11 de Agosto de 1551
180 António de Melo a 8 de Julho de 1551
181 António de Gouveia a 12 de Julho de 1551
182 António Veloso a 6 de Agosto de 1551
183 D. Álvaro de Castro a 11 de Março de 1553
184 D. Afonso de Noronha a 7 de Maio de 1553
185 Agostinho Ambium a 10 de Dezembro de 1553
186 António Perdigão de Góis a 6 de Fevereiro de 1553
187 André Angerino a 4 de Outubro de 1553
188 António de Sousa a 5 de Novembro de 1554
189 Álvaro de Abranches a 7 de Junho de 1554
190 Aires Ferreira a 19 de Fevereiro de 1554
191 António de Meneses a 6 de Dezembro de 1554
192 António Conani a 30 de Outubro de 1554
193 Aires de Sousa a 9 de Novembro de 1555
194 António Carvalho a 9 de Novembro de 1555
195 António Persago a 11 de Setembro de 1555
196 António da Silva a 1 de Julho de 1555
197 António das Póvoas a 1 de Abril de 1555
198 Ambrósio de Aguiar Coutinho a 23 de Fevereiro de 1555
199 Álvaro de Alvoriti Gamileno a 18 de Março de 1555
200 Ambrósio Rodrigues a 21 de Abril de 1557

201 António Manso a 28 de Dezembro de 1553
202 Álvaro de Morais a 10 de Setembro de 1553

El Rei D. Sebastião

203 António Gonçalves a 30 de Dezembro de 1557
204 Afonso Botelho a 12 de Setembro de 1558
205 António de Lima a 10 de Junho de 1558
206 António de Sá a 24 de Junho de 1558
207 Afonso de Limes a 8 de Fevereiro de 1558
208 António Lobo a 3 de Fevereiro de 1558
209 António da Silva a 27 de Julho de 1558
210 António de Abreu a 29 de Março de 1558
211 António de Melo da Silva a 5 de Setembro de 1559
212 António Coutinho a 18 de Março de 1559
213 António Lobo a 14 de Abril de 1559
214 António de Campos a 1 de Novembro de 1559
215 André Soares a 4 de Julho de 1559
216 António de Anhaya a 24 de Setembro de 1559
217 António de Azevedo a 13 de Abril de 1559
218 Álvaro Carvalho a 7 de Maio de 1559
219 Afonso Botelho a 22 de Maio de 1559
220 Antão Pacheco a 9 de Outubro de 1559
221 António Correia a 9 de Abril de 1560
222 Afonso de Freitas a 20 de Abril de 1560
223 Álvaro de Sequeira a 26 de Dezembro de 1560
224 D. Álvaro da Costa a 18 de Abril de 1560
225 D. António da Costa a 9 de Ouutbro de 1561
226 André Simões Correia a 30 de Maio de 1561
227 Aires Mendes de Horta a 16 de Junho de 1561

228 Álvaro Gomes a 23 de Agosto de 1561
229 António Mouro a 31 de Outubro de 1561
230 Afonso Vaz Caminha a 8 de Novembro de 1561
231 Andrea Minervite a 6 Dezembro de 1562
232 André Coelho a 8 de Agosto de 1562
233 António de Frine a 27 de Setembro de 1562
234 Aníbal Campigio a 17 de Janeiro de 1562
235 Aires da Silva a 14 de Fevereiro de 1561
236 D. António de Lima a 8 de Junho de 1563
237 D. Antão de Noronha a 29 de Outubro de 1563
238 D. António Rolim a 8 de Dezembro de 1563
239 D. António de Castelo Branco a 5 de Dezembro de 1563
240 Antão da Costa a 5 de Novembro de 1564
241 André Gonçalves Ribafria a 4 de Agosto de 1564
242 André da Silva a 28 de Junho de 1564
243 André de Albuquerque a 18 de Outubro de 1564
244 António Travassos a 13 de Novembro de 1564
245 Álvaro Fernandes Pinheiro a 28 de Novembro de 1564
246 António Coreia Baharém a 6 de Dezembro de 1564
247 António de Grados a 24 de Dezembro de 1564
248 António de Sousa a 6 de Outubro de 1564
249 Álvaro Dias Rebelo a 18 de de 1564

El Rei D. Manuel

B

1 Baltasar Rodrigues a 7 de Junho de 1517
2 Bartolomeu da Vela a 6 de Junho de 1517
3 Bernardim Freire a 17 de Outubro de 1519

4 Bartolomeu de Sousa a 15 de Outubro de 1519
5 Brás Teles a 11 de Março de 1519

El Rei D. João o 3.º

6 Bernardo Pires a 27 de Janeiro de 1523
7 Belchior de Brito a 10 de Agosto de 1523
8 Bernardim da Silva a 12 de Agosto de 1523
9 Brás Barbosa a 12 de Março de 1527
10 Bento Mendes de Azevedo a 7 de Junho de 1527
11 Baltasar Dias a 28 de Abril de 1527
12 Bartolomeu Caroca a 1 de Janeiro de 1527
13 Bartolomeu Afonso a 27 de Junho de 1527
14 Brás Afonso a 16 de Abril de 1527
15 Baltasar Velho a 21 de Janeiro de 1528
16 Baltasar de Góis a 23 de Maio de 1528
17 Baltasar de Barros a 21 de Agosto de 1528
18 Bernardim de Távora a 10 de Janeiro de 1529
19 Belchior Correia a 6 de Abril de 1529
20 Bento de Benavides a 7 de Junho de 1529
21 Bernardo de Melo de Mariz a 13 de Março de 1530
22 Bernardo de Melo Soares a 15 de Março de 1530
23 Brás Afonso a 30 de Agosto de 1533
24 Bartolomeu de Sousa a 20 de Junho de 1534
25 Belchior de Brito a 28 de Fevereiro de 1534
26 Baltasar de Barros a 13 de Outubro de 1535
27 Bernardido de Albernoz a 8 de Fevereiro de 1536
28 Brás Henriques a 10 de Maio de 1536
29 Brás da Silva a 18 de Maio de 1536
30 Baltasar Velho a 26 de Março de 1536

31 Belchior de Brito a 13 de Maio de 1537
32 Brás Anes Pereira a 4 de Dezembro de 1537
33 Brás de Araújo a 12 de Outubro de 1539
34 Belchior de Sousa a 6 de Fevereiro de 1543
35 Bento da Costa a 16 de Agosto de 1545
36 Bernardim Esteves a 27 de Novembro de 1545
37 Brás Ribeiro a 6 de Abril de 1545
38 Baltasar Correia a 14 de Março de 1545
39 Baltasar de Mouxica a 25 de Novembro de 1540
40 Bartolomeu Ferraz de Andrade a 10 de Novembro de 1540
41 Brás Henriques a 30 de Agosto de 1548
42 Baltasar Mendes de Sequeira a 7 de Agosto de 1548
43 Baltasar de Faria a 10 de Setembro de 1549
44 Baltasar de Vilhegas a 19 de Agosto de 1551
45 Bernardo Moniz a 17 de Maio de 1551
46 Bernardo de Távora a 17 de Junho de 1555

El Rei D. Sebastião

47 Bernardo de Noronha a 6 de Agosto de 1558
48 Bartolomeu Perestrelo a 18 de Fevereiro de 1559
49 Bernardino de Navio a 29 de Janeiro de 1560
50 Bartolomeu Fróis a 6 de Abril de 1560
51 Bento Dias a 19 de Maio de 1560
52 Bartolomeu Rodrigues a 2 de Outubro de 1561
53 Baltasar da Fonseca a 14 de Abril de 1562
54 Bernardim Rodrigues Pacheco a 21 de Junho de 1564
55 Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha a 4 de Agosto de 1564
56 Bernardo de Carvalho a 5 de Outubro de 1565
57 Benedito Benediti a 22 de Fevereiro de 1565

58 Bartolomeu Gramaxo a 4 de Abril de 1566
59 Belchior Raposo a 1 de Maio de 1566
60 Belchior Barreto a 17 de Setembro de 1566
61 Bartolomeu Rodrigues a 25 de Janeiro de 1568
62 Bartolomeu Carvalho a 4 de Abril de 1568
63 Belchior Pires a 10 de Agosto de 1568
64 Bernardim Freire a 13 de Setembro de 1568
65 Bartolomeu Gramaxo a 12 de Abril de 1569
66 Brás Lourenço de Barbuda a 5 de Junho de 1570
67 Baltasar de Magalhães a 21 de Julho de 1571
68 Bartolomeu de Oliveira a 28 de Janeiro de 1572
69 Baltasar Leitão a 5 de Agosto de 1570
70 Baltasar Salgado a 29 de Maio de 1574
71 Baltasar Rodrigues a 26 de Julho de 1577
72 Belchior de Gouveia a 4 de Dezembro de 1577
Brás Alemão
Belchior Vieira Peçanha
pertencem a outro reinado

El Rei D. Henrique

73 Brás Alemão a 28 de Janeiro de 1579
74 Belchior Vieira Peçanha a 12 de Março de 1579
75 Baltasar Gago a 1 de Agosto de 1579
76 Belchior de Castro a 17 de Setembro de 1579
77 Bento Rodrigues a 20 de Outubro de 1579
78 Belchior Rodrigues a 30 de Outubro de 1579
79 Baltasar Correia a 31 de Dezembro de 1579

El Rei D. Filipe 2.º

80 Baltasar de Sá a 3 de Março de 1580

81 Brossi Froli a 25 de Março de 1580

C

El Rei D. Manuel

1 Cisnate da Silva a 19 de Março de 1513

2 Cristóvão de Mendoça a 16 de Abril de 1514

3 Cristóvão de Sá a 2 de Janeiro de 1515

4 Cristóvão de Melo a 1 de Setembro de 1515

5 Cristóvão Esteves a 16 de Novembro de 1515

6 Cristóvão Mendes de Carvalho a 11 de Março de 1521

7 Cristóvão de Sousa a 3 de Setembro de 1521

El Rei D. João o 3.º

8 Cristóvão da Fonseca a 7 de Janeiro de 1527

9 Cosme do Couto a 16 de Outubro de 1529

10 Cristóvão Rosales a 28 de Outubro de 1529

11 Cristóvão de Faria a 18 de Março de 1529

12 Clemente Gil Ribeiro a 28 de Outubro de 1529

13 Cristóvão Pousadas a 16 de Agosto de 1534

14 Carlos ou Cheles Henriques a 3 de Abril de 1534

15 Cosme de Lafetá a 24 de Outubro de 1535

16 Cosme Rodrigues a 22 de Janeiro de 1538

17 Cristóvão de Melo a 10 de Novembro de 1539
18 Cristóvão da Fonseca a 29 de Fevereiro de 1541
19 Cristóvão Rangel a 24 de Julho de 1547
20 Cristóvão Soares a 26 de Julho de 1551
21 Cristóvão de Melo da Silva a 28 de Janeiro de 1552
22 Cristóvão Saraiva a 25 de Novembro de 1554
23 Cristóvão Esteves de Alte a 6 de Março de 1555
24 Cristóvão Soares a 24 de Maio de 1551

El Rei D. Sebastião

25 Cristóvão Lobo a 17 de Dezembro de 1558
26 Cleofaz Gil a 16 de Julho de 1560
27 Cristóvão de Figueiroa a 13 de Dezembro de 1553
28 Cristóvão Botelho a 29 de Março de 1553
29 Clemente Gil Ribeiro a 11 de Novembro de 1559
30 Cristóvão de Madureira a 22 de Junho de 1564
31 Cintio Escalhamonte de Ancona a 21 de Julho de 1564
32 Cristóvão de Meneses a 3 de Novembro de 1564

D

El Rei D. Manuel

1 Diogo Lopes Vasco a 11 de Julho de 1511
2 Diogo Mendes Cicioso a 16 de Fevereiro de 1512
3 Diogo Lopes de Sequeira 16 de Agosto de 1513
4 Diogo Regueira a 18 de Maio de 1513
5 Diogo Fernandes a 31 de Dezembro de 1513

6 Duarte Falcão a 13 de Abril de 1514
7 Diogo Mendes a 11 de Junho de 1514
8 Diogo Lopes de Lima a 26 de Junho de 1514
9 Diogo de Natoria a 23 de Novembro de 1514
10 Diogo de Medina a 14 de Dezembro de 1514
11 Diogo Lopes da Franca a 13 de Fevereiro de 1515
12 Diogo Vaz a 25 de Abril de 1515
13 Diogo Soares a 29 de Maio de 1515
14 Diogo Pessanha a 7 de Fevereiro de 1516
15 Diogo Álvares Pimentel a 6 de Abril de 1517
16 Diogo de Barros a 13 de Agosto de 1517
17 Diogo de Lemos a 10 de Janeiro de 1518
18 Diogo de Sepúlveda a 15 de Março de 1518
19 Diogo Botelho a 17 de Fevereiro de 1519
20 Diogo de Ribas a 6 de Maio de 1519
21 D. Duarte de Meneses a 8 de Agosto de 1521

El Rei D. João o 3.º

22 Dario Brandão a 30 de Setembro de 1523
23 Diogo Mascarenhas a 17 de Agosto de 1523
24 Duarte Pereira a 24 de Julho de 1523
25 Diogo Nunes a 7 de Agosto de 1527
26 Duarte da Cunha a 30 de Janeiro de 1527
27 Diogo Figueira a 8 de Fevereiro de 1527
28 Diogo de Belmonte a 17 de Janeiro de 1527
29 Diogo Osório a 2 de Março de 1528
30 Diogo Tomé a 26 de Abril de 1528
31 Diogo Lopes a 18 de Maio de 1528
32 Diogo de Moura Beirão a 2 de Outubro de 1528

33 Diogo Machado de Sampaio a 30 de Setembro de 1528
34 Diogo Lopes Homem a 23 de Janeiro de 1529
35 Diogo Lopes a 13 de Fevereiro de 1529
36 Diogo Ferreira a 28 de Março de 1529
37 Diogo Nunes Barbosa a 12 de Fevereiro de 1529
38 Diogo de Horta a 9 de Março de 1529
39 D. Diogo Henriques a 19 de Dezembro de 1529
40 Diogo Lopes da Franca a 20 de Fevereiro de 1530
41 Diogo de Brito a 24 de Fevereiro de 1530
42 Diogo Rebelo a 3 de Fevereiro de 1530
43 Diogo da Costa de Mariz a 29 de Janeiro de 1530
44 Diogo Serrão a 31 de Agosto de 1530
45 D. Duarte de Almeida a 13 de Fevereiro de 1534
46 Duarte Correia a 7 de Junho (?) de 1535
47 Diogo Gonçalves a 17 de Junho de 1535
48 Diogo Lopes a 20 de Agosto de 1536
49 Duarte da Rosa a 1 de Dezembro de 1537
50 D. Duarte, Infante de Portugal, a 17 de Julho de 1529
51 Diogo Brandão a 14 de Outubro de 1540
52 Diogo Álvares da Costa a 9 de Maio de 1538
53 Diogo Nunes de Vilalobos a 9 de Julho de 1538
54 Diogo de Sá a 4 de Julho de 1540
55 Diogo Soares de Albergaria a 14 de Janeiro de 1541
56 Diogo Lopes Ferreira a 22 de Janeiro de 1542
57 Duarte de Azevedo a 8 de Novembro de 1538
58 Diogo Botelho a 8 de Maio de 1542
59 Diogo Lopes Freire a 16 de Dezembro de 1542
60 Diogo da Silveira a 24 de Janeiro de 1543
61 Diogo Pereira de Castro a 29 de Maio de 1545
62 D. Domingos de Sousa a 24 de Junho de 1545
63 Domingos Lopes de Sousa a 30 de Julho de 1545

64 Diogo de Sequeira a 25 de Outubro de 1546
65 Diogo da Costa a 16 de Dezembro de 1546
66 Diogo de Espinhosa a 13 de Maio de 1547
67 D. Dinis a 20 de Janeiro de 1551
68 D. Diogo Forjaz Pereira a 18 de Fevereiro de 1551
69 Diogo de Melo a 20 de Abril de 1551
70 D. Diogo Lopes de Lima a 17 de Junho de 1551
71 Diogo de Oliveira a 7 de Janeiro de 1552
72 Diogo Rodrigues Berrio a 16 de Fevereiro de 1553
73 Diogo de Saldanha a 17 de Fevereiro de 1553
74 Diogo de Azevedo a 11 de Junho de 1553
75 D. Diogo de Meneses a 6 de Fevereiro de 1554
76 Duarte Pires de Andrade a 17 de Dezembro de 1554
77 Domingos Leitão a 29 de Dezembro de 1554
78 Diogo da Veiga a 30 de Maio de 1556
79 Diogo da Fonseca a 18 de Julho de 1557
80 Domingos de Castro a 11 de Novembro de 1557
81 Domingos Martins de Carvalho a 14 de Dezembro de 1557
82 D. Diogo do Couto a 28 de Dezembro de 1557

El Rei D. Sebastião

83 Diogo Gala a 6 de Janeiro de 1558
84 Diogo de Almeida a 18 de Abril de 1558
85 Diogo de Anhaya a 24 (?) de Julho de 1558
86 Duarte de Mendoça a 24 de Julho de 1558
87 Diogo de Castro a 10 de Agosto de 1558
88 D. Diogo Manuel a 20 de Janeiro de 1559
89 Diogo de Castro a 22 de Fevereiro de 1559
90 Diogo da Silva de Andrade a 20 de Março de 1559

91 Diogo Vaz da Veiga a 23 de Abril de 1559
92 Diogo Correia a 20 de Novembro de 1559
93 Diogo da Costa a 20 de Novembro de 1559
94 Duarte de Melo a 5 de Abril de 1560
95 Diogo Delgado a 27 de Abril de 1560
96 Duarte Cardoso a 30 de Abril de 1560
97 D. Diogo da Silveira a 27 de Fevereiro de 1563
98 D. Diogo de Lima a 12 de Dezembro de 1563
99 Duarte Borges a 5 de Agosto de 1564
100 D. Duarte de Castelo-Branco a 2 de Outubro de 1564
101 Duarte de Sousa a 8 de Novembro de 1564
102 Duarte Borges a 26 de Novembro de 1564
103 Diogo Rodrigues a 28 de Dezembro de 1564
104 Diogo Soares a 28 de Novembro de 1564

El Rei D. Manuel

E

1 Estêvão Rodrigues Beiró a 6 de Janeiro de 1514
2 Estêvão Soares a 8 de Maio de 1519
3 Estêvão da Gama a 5 de Maio de 1519
4 Estêvão da Gama a 16 de Janeiro de 1521

El Rei D. João o 3.º

5 Ércules Henriques a 8 de Novembro de 1527
6 Estêvão Gago a 8 de Novembro de 1529
7 Estêvão Gomes da Mina a 27 de Junho de 1533

8 Estêvão de Aguiar Goriço a 22 de Junho de 1533
9 Estêvão Vaz da Veiga a 2 de Setembro de 1533
10 Estêvão de Mendoça a 27 de Agosto de 1534
11 Estêvão de Gouveia a 28 de Fevereiro de 1535
12 Estêvão Soares de Melo a 6 de Novembro de 1554
13 Estêvão Gago de Andrade a 11 de Maio de 1557

El Rei D. Sebastião

14 Esforca Almeni a 16 de Abril de 1564

F

El Rei D. Manuel

1 Francisco de Sá a 20 de Abril de 1513
2 Francisco de Melo a 13 de Junho de 1513
3 Francisco Sanches a 15 de Março de 1514
4 Francisco de Almeida 11 de Abril de 1514
5 Fernão Pires de Andrade a 8 de Agosto de 1514
6 Francisco de Viveiros a 7 de Novembro de 1514
7 Francisco de Carvalho a 11 de Setembro de 1514
8 Francisco Carneiro a 1 de Fevereiro de 1514
9 Francisco Palha a 14 de Abril de 1515
10 Francisco Rodrigues de Almeida a 11 de Maio de 1515
11 Fernão Brandão a 9 de Dezembro de 1515
12 Francisco de Góis a 14 de Dezembro de 1515
13 Frutos de Góis a 18 de Fevereiro de 1515
14 Fernão Cabral a 2 de Maio de 1516

15 Francisco Ferreira a 4 de Junho de 1516
16 Francisco de Melo a 26 de Junho de 1516
17 Fernão Vaz Corte-Real a 25 de Julho de 1516
18 Fernão Álvares de Alvim a 18 de Outubro de 1516
19 Fernão de Queirós a 8 de Julho de 1517
20 Fernão Peres de Andrade a 16 de Setembro de 1517
21 Fernão Leitão a 22 de Março de 1518
22 Francisco Frazão a 27 de Março de 1518
23 Francisco da Silva a 16 de Junho de 1518
24 Francisco da Costa a 19 de Agosto de 1518
25 Fernão Álvares a 19 de Maio de 1519
26 D. Fernão de Ataíde a 4 de Agosto de 1519
27 D. Fernando Henriques a 16 de Novembro de 1519
28 Fernão Boto a 11 de Julho de 1521
29 Fernão Carvalho a 25 de Setembro de 1521
30 Filipe de Brito a 8 de Agosto de 1512 (*sic*)

El Rei D. João o 3.º

31 Fernão Álvares de Almeida a 5 de Janeiro de 1523
32 Francisco da Cunha a 12 de Junho de 1523
33 Francisco Barradas a 23 de Junho de 1523
34 Fernão Taveira a 14 de Setembro de 1523
35 Fernão de Sousa a 21 de Setembro de 1523
36 Francisco Pereira a 8 de Março de 1527
37 Francisco de Melo a 16 de Setembro de 1527
38 Fernão de Castro a 16 de Setembro de 1527
39 Francisco de Chaves a 10 de Outubro de 1527
40 D. Fernão de Lima a 22 de Março de 1528
41 Francisco da Silveira a 27 de Março de 1528

42 Francisco de Sequeira a 21 de Fevereiro de 1528
42 D. Filipe Lobo a 23 de Julho de 1533
43 Francisco do Casal a 14 de Dezembro de 1528
44 Francisco Perestrelo Correia a 26 de Outubro de 1528
45 D. Fernão de Noronha a 26 de Outubro de 1528
46 Francisco Dias a 4 de Março de 1529
47 Francisco de Azevedo a 16 de Abril de 1529
48 Francisco Anes Gago a 15 de Março de 1529
49 Francisco de Medina Salazal a 23 de Agosto de 1529
50 Fernão Borges a 29 de Abril de 1529
51 Francisco Cardoso a 5 de Maio de 1529
52 Fernão Vaz Cernache a 27 de Abril de 1529
53 Fernão Rodrigues, Adail em Arzila, a 7 de Outubro de 1530
54 Fernão Martins a 11 de Março de 1530
55 Francisco Feliciano a 18 de Fevereiro de 1532
56 Francisco Bermudo a 7 de Fevereiro de 1532
57 Francisco de Meneses a 27 de Março de 1538
58 Francisco de Sousa a 4 de Outubro de 1538
59 Francisco de Noronha a 4 de Novembro de 1538
60 Fernão Lourenço a 29 de Janeiro de 1532
61 Fernão Teixeira a 16 de Julho de 1533
62 Francisco Barreto a 1 de Novembro de 1533
63 Francisco Caquece (?) a 18 de Maio de 1533
64 Fernando da Gama a 7 de Junho de 1533
65 Fernão Álvares Cabral a 22 de Maio de 1533
66 Francisco Coelho a 16 de Junho de 1533
67 Francisco de Sá a 10 de Agosto de 1533
68 Francisco Aires do Quintal a 7 de Junho de 1533
69 Fernão Afonso a 16 de Abril de 1534
70 Francisco Velho a 13 de Junho de 1534
71 Francisco Cardoso a 24 de Outubro de 1534

72 Fernão Peres de Andrade a 18 de Abril de 1534
73 Francisco Jorge a 7 de Agosto de 1534
74 D. Fernando de Noronha a 16 de Junho de 1535
75 Francisco Feliciano a 8 de Julho de 1535
76 Faustino de Góis a 9 de Janeiro de 1536
77 Francisco de Azevedo a 9 de Julho de 1536
78 Francisco Falcão a 1 de Dezembro de 1537
79 Fernão de Távora a 2 de Novembro de 1537
80 Fernão Soares de Albergaria a 29 de Julho de 1537
81 Francisco Aranha a 24 de Junho de 1537
82 Francisco de Sousa Alcoforado a 10 de Dezembro de 1539
83 Fernão Vaz Cernache a 12 de Janeiro de 1540
84 Francisco Romeiro a 16 de Novembro de 1540
85 D. Francisco de Castro a 20 de Maio de 1541
86 Fernão de Almeida a 4 de Agosto de 1542
87 Fernão Pires a 17 de Setembro de 1542
88 Francisco de Noronha a 4 de Novembro de 1538
89 Francisco de Melo Pereira a 27 de Abril de 1545
90 D. Francisco de Meneses a 27 de Março de 1538
91 Francisco Gomes Pinheiro a 21 de Setembro de 1545
92 Fernão da Guerra a 1 de Maio de 1545
93 Fernão Carvalho a 2 de Abril de 1545
94 Francisco de Melo da Cunha a 4 de Março de 1545
95 Francisco Pinto a 19 de Junho de 1545
96 Francisco de Almeida a 16 de Julho de 1545
97 Fernão Coutinho a 16 de Dezembro de 1545
98 Francisco Nobre a 11 de Janeiro de 1547
99 Francisco de Ataíde a 9 de Maio de 1547
100 Francisco Ribeiro a 22 de Maio de 1547
101 Fernão de Sande a 20 de Novembro de 1547
102 Fernão Coutinho a 27 de Novembro de 1547

103 Fernão de Castro a 24 de Dezembro de 1547
104 Francisco Lopes a 26 de Janeiro de 1548
105 Francisco Leote a 23 de Março de 1548
106 Francisco de Sá a 22 de Abril de 1548
107 D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, a 30 de Abril de 1549
108 Francisco de Figueiredo a 12 de Abril de 1549
109 D. Fernando Coutinho a 30 de Maio de 1551
110 Francisco Machado a 14 de Outubro de 1551
111 Francisco de Meneses a 22 de Outubro de 1551
112 Francisco de Verella Osório a 19 de Fevereiro de 1552
113 Francisco Leonardes a 17 de Julho de 1548
114 Francisco Rodrigues de Vilhegas a 28 de Fevereiro de 1552
115 Francisco Hortins de Vilhegas a 28 de Fevereiro de 1552
116 Francisco do Canto a 26 de Fevereiro de 1553
117 Francisco Gil a 24 de Fevereiro de 1553
118 Flamínio Lambecari a 8 de Novembro de 1554
119 Federico Pengrino a 20 de Dezembro de 1554
120 Fernão de Mesquita de Lima a 19 de Março de 1555
121 Francisco Fernandes do Campo a 16 de Agosto de 1555
122 Fernão da Costa a 10 de Outubro de 1555
122 Filipe de Aguilar a 17 de Dezembro de 1546

El Rei D. Sebastião

123 Fernão Álvares a 7 de Novembro de 1557
124 Francisco de Tomar a 6 de Janeiro de 1558
125 D. Francisco de Sousa a 25 de Fevereiro de 1558
126 Fernão Barbosa a 7 de Maio de 1558
127 Fernão Correia a 30 de Maio de 1558
128 Fernão de Lima a 26 de Dezembro de 1558

129 D. Francisco Álvares a 10 de Novembro de 1557
130 D. Francisco Mascarenhas a 1 de Março de 1559
131 Fernão Pedreira a 10 de Março de 1559
132 Francisco de Almada a 6 de Maio de 1559
133 Francisco Henriques a 20 de Julho de 1559
134 Fernão de Oliveira a 10 de Outubro de 1559
135 Fernão da Silveira a 27 de Outubro de 1559
136 Fernão Martins a 17 de Fevereiro de 1560
137 Fernão Pires Freire a 20 de Março de 1560
138 Fernão Lopes de Sousa a 26 de Março de 1560
139 Francisco de Madureira a 18 de Abril de 1560
140 Francisco de Figueiredo a 25 (?) de Abril de 1560
141 Francisco das Póvoas a 16 de Junho de 1560
142 Francisco Cardoso a 21 de Julho de 1560
143 Francisco Pereira de Sá a 20 de Outubro de 1560
144 Francisco de Bairros de Paiva a 30 de Setembro de 1562
145 Fernão Álvares de Almeida a 19 de Novembro de 1562
146 Francisco Gonçalves a 1 de Abril de 1563
147 Francisco da Cunha a 6 de Outubro de 1563
148 Francisco Maria Visconti, Milanês, a 16 de Novembro de 1563
149 Francisco da Silva a 8 de Dezembro de 1563
150 Francisco Banha a 18 de Dezembro de 1563
151 Fernão Rodrigues de Brito a 21 de Março de 1564
152 Francisco de Medeiros a 6 de Agosto de 1564
153 Francisco de Faria a 22 de Agosto de 1564
154 Francisco Giraldes a 4 de Novembro de 1564
155 Francisco Maria Visconti a 16 de Novembro de 1564
156 Feliciano Coelho a 8 de Dezembro de 1564
157 Francisco Pereira Forjaz a 27 de Janeiro de 1564
158 Fernão de Sousa a 30 de Novembro de 1564
159 Francisco da Fonseca Saraiva a 15 de Dezembro de 1564

160 Francisco de Leiria a 16 de Dezembro de 1564
161 Francisco de Figueiredo a 23 de Dezembro de 1564
162 Francisco de Sequeira a 28 de Outubro de 1564
163 Filipe de Sousa a 20 de Julho de 1564
164 Filipe de Salazar, Estribeiro da Rainha de França, a 14 de Abril de 1558

G

El Rei D. Manuel

1 D. Garcia de Meneses a 31 de Dezembro de 1511
2 Gelval Dias a 6 de Julho de 1513
3 D. Garcia de Eça (?) a 19 de Julho de 1513
4 Gonçalo Vaz a 19 de Julho de 1513
5 Gonçalo Dias a 26 de Novembro de 1513
6 D. Garcia de Eça a 12 de Julho de 1513
7 D. Gonçalo de Ataíde a 24 de Junho de 1514
8 D. Garcia Coutinho a 26 de Junho de 1514
9 Gonçalo Lopes de Orta a 26 de Julho de 1514
10 D. Gaspar de Sousa a 14 de Setembro de 1514
11 Garcia de Sá a 29 de Janeiro de 1515
12 Gaspar Pessanha a 27 de Setembro de 1515
13 Gil Eanes da Costa a 22 de Maio de 1517
14 D. Garcia de Albuquerque a 3 de Novembro de 1517
15 Garcia Cainho a 18 de Janeiro de 1518
16 Gomes Pais a 5 de Fevereiro de 1518
17 Gaspar de Paiva a 1 de Março de 1518
18 Gregório Mendes de Vasconcelos a 25 de Maio de 1518
19 Gaspar de Castro, Castilhano, a 10 de Dezembro de 1518
20 Garcia Rebelo a 15 de Março de 1519

21 Gomes Munhos a 24 de Outubro de 1519
22 Gaspar Jorge a 9 de Novembro de 1519
23 Gaspar Mendes a 19 de Janeiro de 1521
24 Garcia Munhôs a 18 de Abril de 1521
25 D. Gonçalo Coutinho a 30 de Junho de 1521
26 Gomes Cru a 22 de Julho de 1521

El Rei D. João o 3.º

27 Gaspar Carvalho a 12 de Abril de 1527
28 Gaspar Pais a 3 de Agosto de 1527
29 Gaspar Pegado a 26 de Agosto de 1527
30 Gaspar Freire a 23 de Dezembro de 1527
31 Gaspar Moreira a 25 de Novembro de 1528
32 Gabriel Figueira a 27 de Março de 1529
33 Gaspar Fernandes a 20 de Abril de 1529
34 Gonçalo Franco a 17 de Abril de 1529
35 Gaspar de Teive a 14 de Maio de 1529
36 Gaspar Correia a 14 de Maio de 1529
37 Gaspar Limpo a 2 de Junho de 1529
38 Gaspar Vaz a 3 de Junho de 1532
39 Gonçalo Correia a 16 de Setembro de 1529
40 Gaspar Pacheco a 10 de Janeiro de 1532
41 Gaspar Cardoso a 8 de Novembro de 1532
42 D. Garcia de Albuquerque a 9 de Julho de 1533
43 Gonçalo Delgado a 10 de Março de 1534
44 Gregório Mendes a 12 de Maio de 1534
45 Gaspar Dornelas a 9 de Junho de 1534
46 D. Garcia de Almeida a 23 de Junho de 1534
47 Gaspar Madeira a 16 de Novembro de 1534

48 Gomes de Soutomayor a 28 de Julho de 1538
49 Gaspar Mendes a 30 de Janeiro de 1538
50 Gaspar Lopes a 5 de Maio de 1538
51 Gaspar da Cunha a 11 de Maio de 1539
52 Gil de Lamecide a 4 de Setembro de 1540
53 Gregório da Fonseca a 10 de Janeiro de 1542
54 Gomes Soares de Albergaria a 10 de Dezembro de 1542
55 Garcia Rodrigues de Távora a 7 de Janeiro de 1543
56 Gil Fernandes de Carvalho a 11 de Abril de 1545
57 Gaspar Gato Correia a 12 de Abril de 1545
58 Gião Fialho a 24 de Julho de 1545
59 Garamatam Teles a 26 de Maio de 1546
60 Gregório Vaz de Távora a 17 de Janeiro de 1547
61 Garamatam Galaz a 20 de Outubro de 1548
62 Garcia Pedroso a 16 de Outubro de 1549
63 Gonçalo Gil Angerino a 21 de Junho de 1551
64 Gaspar Landim a 5 de Março de 1553
65 Gonçalo de Freitas a 25 de Março de 1557

El Rei D. Sebastião

66 Garcia de Melo a 2 de Janeiro de 1558
67 Gaspar de Morais a 29 de Janeiro de 1558
68 Gaspar Simões Mascarenhas a 4 de Junho de 1558
69 Gonçalo Pereira de Berredo a 4 de Julho de 1558
70 Gaspar Cardoso a 27 de Fevereiro de 1559
71 Gaspar de Landim a 9 de Março de 1559
72 Gaspar Correia a 13 de Abril de 1559
73 Gaspar Lourenço a 17 de Agosto de 1559
74 Gaspar de Paiva, Alferes da Ordem, a 20 de Setembro de 1559

75 D. Garcia de Sá a 3 de Fevereiro de 1560
76 Gaspar Vilela a 9 de Julho de 1560
77 Gaspar de Magalhães a 4 de Setembro de 1563
78 Gomes Freire a 30 de Outubro de 1563
79 Gonçalo Pereira a 5 de Novembro de 1563
80 Gomes Freire de Andrade a 9 de Dezembro de 1563
81 Gonçalo Nunes Barreto a 27 de Janeiro de 1564
82 D. Gastão Coutinho a 7 de Abril de 1564
83 Gaspar Valente a 13 de Junho de 1564
84 Gaspar da Cunha a 6 de Novembro de 1564
85 Gonçalo Vaz Coutinho a 15 de Novembro de 1564

H

El Rei D. Manuel

1 Henrique Homem a 10 de Fevereiro de 1513
2 D. Henrique Moscoso a 8 de Outubro de 1513
3 D. Henrique de Meneses a 13 de Outubro de 1513
4 Heitor da Silva a 29 de Junho de 1513
5 Henrique de Melo a 28 de Outubro de 1515
6 Heitor de Sousa a 15 de Julho de 1516
7 Henrique Gomes Cavaleiro a 23 de Janeiro de 1516
8 Henrique de Betancour a 16 de Setembro de 1517

El Rei D. João o 3.º

9 Henrique Pereira a 19 de Dezembro de 1527
10 D. Henrique Coutinho a 6 de Março de 1527

11 Heitor de Figueiredo a 28 de Outubro de 1527
12 Henrique Henriques a 27 de Dezembro de 1528
13 Henrique Barbosa a 7 de Janeiro de 1530
14 Henrique Juzarte a 9 de Agosto de 1533
15 Henrique de Noronha a 16 de Abril de 1535
16 Henrique Henriques a 10 de Abril de 1536
17 Henrique Nobius a 16 de Novembro de 1540
18 Heitor Gonçalves a 27 de Agosto de 1547
19 Henrique de Melo a 21 de Janeiro de 1548
20 Heitor de Melo a 13 de Outubro de 1551

El Rei D. Sebastião

21 Henrique Henriques Pinto a 6 de Janeiro de 1558
22 Henrique Fróis a 8 de Maio de 1561
23 Henrique Dias a 23 de Dezembro de 1561

J

El Rei D. Manuel

1 João Leitão a 24 de Abril de 1511
2 João de Camões Badayo a 21 de Outubro de 1511
3 Jorge de Sousa a 20 de Outubro de 1511
4 João Rodrigues de Sá e Meneses a 26 de Outubro de 1512
5 D. Jorge de Eça a 28 de Outubro de 1512
6 João Dornelas a 10 de Janeiro de 1513
7 Jorge Machado a 24 de Fevereiro de 1513
8 João Lopes a 5 de Julho de 1513

9 D. João de Eça a 18 de Julho de 1513
10 João Rodrigues de Lucena a 15 de Março de 1514
11 Jorge de Brito a 13 de Novembro de 1524
12 D. João da Cruz a 12 de Março de 1515
13 Jacome Abexi a 24 de Abril de 1515
14 João Álvares Pereira a 15 de Maio de 1515
15 D. João de Lima a 25 de Junho de 1515
16 João da Costa a 18 de Outubro de 1515
17 João Rodrigues Coutinho a 7 de Novembro de 1515
18 João de Melo a 19 de Janeiro de 1516
19 D. Jorge Henriques a 30 de Janeiro de 1516
20 João Vaz Corte-Real a 3 de Março de 1516
21 Jerónimo de Freitas a 12 de Abril de 1516
22 João de Melo de Pina a 28 de Abril de 1516
23 Jerónimo Moniz a 27 de Setembro de 1516
24 João Martins de Alpoim a 18 de Dezembro de 1516
25 Jorge Correia a 10 de Janeiro de 1517
26 Jorge da Silva a 15 de Janeiro de 1517
27 João de Santa Maria a 20 de Maio de 1517
28 Joane Mendes a 1 de Setembro de 1517
29 João Lopes de Alvim a 30 de Setembro de 1517
30 João Aloype (?) a 27 de Outubro de 1517
31 João Fortes a 16 de Dezembro de 1517
32 Jácome de Araújo a 27 de Dezembro de 1517
33 João Gomes a 14 de Fevereiro de 1518
34 João Coelho a 27 de Fevereiro de 1518
35 Jácome Monteiro a 5 de Julho de 1518
36 João do Campo Coelho a 6 de Outubro de 1518
37 Jerónimo Lorilha a 26 de Janeiro de 1519
38 João Lourenço a 4 de Outubro de 1519
39 João de Sousa Homem a 15 de Março de 1521

40 João de Melo a 31 de Maio de 1521

41 Jorge de Melo a 29 de Julho de 1521

El Rei D. João o 3.º

43 João Gomes Cabreira a 21 de Agosto de 1523

44 João Fernandes Torres, de Arzila, a 16 de Setembro de 1523

45 João Folgado, de Azamor, a 23 de Outubro de 1523

46 João da Costa, a 5 de Junho de 1527

47 João Álvares de Azevedo a 7 de Junho de 1527

48 D. Jaime, filho do Duque de Bragança, a 15 de Julho de 1527

49 João Fernandes a 20 de Junho de 1527

50 João do Avelar a 26 de Setembro de 1527

51 João Rodrigues a 6 de Agosto de 1527

52 Jorge de Almeida a 21 de Setembro de 1527

53 João de Lisboa, Piloto-mor da Índia, a 24 de Setembro de 1527

54 José da Fonseca a 27 de Setembro de 1527

55 Inofre da Ponte a 3 de Dezembro de 1527

56 D. Jorge, filho do Conde de Portalegre, a 5 de Fevereiro de 1528

57 João da Costa a 5 de Janeiro de 1528

58 João Álvares Barreto a 29 de Fevereiro de 1528

59 João de Valejo a 1 de Março de 1528

60 João Rodrigues Mealheiro a 2 de Maio de 1529

61 Jorge Cotão a 6 de Julho de 1528

62 João Carregueiro a 8 de Outubro de 1529

63 D. João Pereira a 28 de Março de 1529

64 João de Brito a 18 de Setembro de 1529

65 João do Rego a 16 de Fevereiro de 1530

66 João Álvares Nogueira a 27 de Novembro de 1530

67 D. João de Castro a 6 de Março de 1538

68 Joanes Revolote a 25 de Março de 1531
69 Jorge Gonçalves Ribeiro a 22 de Janeiro de 1532
70 Jorge Pessanha a 11 de Fevereiro de 1532
71 João Lopes Marim a 20 de Junho de 1532
72 João Jácome a 19 de Junho de 1531
73 João Álvares Nogueira a 18 de Novembro de 1532
74 Jorge Passanha a 22 de Fevereiro de 1532
75 Irmão Frade a 14 de Outubro de 1533
76 Jorge de Melo a 10 de Maio de 1534
77 João Rodrigues a 1 de Agosto de 1534
78 João Fialho a 7 de Novembro de 1534
79 João de Saldanha a 8 de Dezembro de 1535
80 João Martins de Besteiros a 17 de Fevereiro de 1535
81 Jorge da Cunha a 9 de Março de 1535
82 Jácome Rodrigues a 10 de Maio de 1535
83 Jorge Passanha a 17 de Maio de 1535
84 João Zuzarte a 17 de Outubro de 1535
85 João de Sequeira a 3 de Abril de 1536
86 João Monteiro a 7 de Maio de 1536
87 Jerónimo Soares a 5 de Dezembro de 1536
88 Jerónimo Caminha a 6 de Dezembro de 1536
89 João Nogueira a 1 de Março de 1537
90 Jorge de Melo a 10 de Maic de 1537
91 Jerónimo Rodrigues a 16 de Setembro de 1537
92 D. João Mascarenhas e 1 de Fevereiro de 1537
93 Jorge Machado a 2 de Outubro de 1538
94 João Carvalho a 11 de Agosto de 1539
95 D. Jorge de Almeida a 16 de Novembro de 1540
96 Jerónimo de Paiva a 8 de Agosto de 1541
97 Jorge da Cunha a 6 de Setembro de 1541
98 João de Melo Pereira a 16 de Abril de 1542

99 D. José Pereira a 11 de Maio de 1542
100 D. João de Almada a 14 de Outubro de 1542
101 João Aires a 14 de Abril de 1543
102 D. Jorge de Sousa a 23 de Abril de 1543
103 João Vaz da Costa a 23 de Abril de 1543
104 João Gomes a 3 de Outubro de 1544
105 João Boyno a 30 de Abril de 1545
106 João da Silva a 6 de Maio de 1545
107 D. José Manuel a 3 de Maio de 1545
108 João Zuzarte a 10 de Dezembro de 1545
109 Jorge de Sousa de Meneses a 20 de Abril de 1546
110 D. João Pereira a 18 de Janeiro de 1547
111 João Guterres Caraça a 21 de Janeiro de 1547
112 João Colaço a 13 de Março de 1547
113 D. João Telo, Mestre da Ordem de Cristo, a 24 de Junho de 1547
114 Jerónimo Rodrigues Coutinho a 16 de Novembro de 1547
115 Jerónimo de Melo a 27 de Novembro de 1547
116 D. João de Almeida a 4 de Dezembro de 1547
117 João Dias a 7 de Abril de 1548
118 João de Figueiredo a 23 de Julho de 1548
119 João Gomes de Anhaya a 13 de Setembro de 1548
120 João da Silva a 30 de Outubro de 1548
121 João de Pilar a 30 de Março de 1548
122 João da Silva a 21 de Fevereiro de 1551
123 João Álvares de Andrade a 4 de Junho de 1551
124 João Rodrigues Teixeira a 10 de Junho de 1551
125 João da Costa a 4 de Agosto de 1551
126 Jorge de Mendoça a 5 de Agosto de 1551
127 João Gomes da Silva a 22 de Setembro de 1551
128 D. Jorge Telo de Meneses a 12 de Fevereiro de 1553
129 João de Castilho a 11 de Maio de 1553

130 Jorge Cacia Guerra, Conde de Rubricano, a 11 de Maio de 1555
131 D. João Pereira a 7 de Abril de 1556
132 João Correia a 1 de Maio de 1556
133 João Fernandes Pacheco a 17 de Junho de 1556
134 Jerónimo Fernandes a 21 de Novembro de 1557

El Rei D. Sebastião

135 Jerónimo Teles a 28 de Julho de 1558
136 João Rodrigues Pascoal a 9 de Outubro de 1558
137 D. João Manuel a 17 de Outubro de 1558
138 D. João de Meneses a 27 de Dezembro de 1558
139 João Varela a 18 de Fevereiro de 1559
140 João de Vargas a 20 de Março de 1559
141 João Cirne a 20 de Março de 1559
142 João Gomes Vieira a 21 de Abril de 1559
143 Jorge Seco a 25 de Abril de 1559
144 João Rodrigues Correia a 28 de Maio de 1559
145 João Homem de Oliveira a 9 de Agosto de 1559
146 Jorge de Lima a 20 de Novembro de 1559
147 João Riscado a 25 de Novembro de 1559
148 D. Jerónimo de Ataíde a 4 de Abril de 1560
149 D. João Lobo, Barão de Alvito, a 6 de Abril de 1560
150 João Gomes a 2 de Abril de 1560
151 Jerónimo Lopes a 26 de Julho de 1560
152 Jacobo Guiam Figliari a 2 de Novembro de 1560
153 Jacome Passanha a 10 de Novembro de 1560
154 Jorge Leonardes a 29 de Dezembro de 1560
155 João Correia a 23 de Janeiro de 1561
156 Jerónimo Corte-Real a 28 de Fevereiro de 1561

157 D. Jorge de Noronha a 7 de Março de 1561
158 João Fernandes a 12 de Agosto de 1561
159 João Dias a 11 de Outubro de 1561
160 Julianes da Costa a 9 de Fevereiro de 1563
161 João Fernandes do Soveral a 12 de Agosto de 1563
162 Jorge Cabral a 4 de Setembro de 1563
163 João Rodrigues Pereira a 5 de Novembro de 1563
164 Jácome de Melo a 9 de Dezembro de 1563
165 João Rodrigues da Silva de Meneses a 26 de Janeiro de 1564
166 João de Paiva a 3 de Agosto de 1564
167 João Rodrigues de Torres a 24 de Setembro de 1564
168 Jorge de Melo Coutinho a 9 de Novembro de 1564
169 João Camelo Sarracino a 24 de Novembro de 1564
170 João Giorgio Sezarino a 14 de Agosto de 1564
171 João Brandão a 28 de Novembro de 1564
172 D. Jorge de Noronha
173 Jerónimo Cardoso de Almeida a 15 de Dezembro de 1564

L

El Rei D. Manuel

1 D. Luís de Meneses a 10 de Agosto de 1512
2 Lucas da Fonseca a 8 de Março de 1513
3 Lizuarte da Silva a 18 de Maio de 1513
4 Luís Coutinho a 4 de Fevereiro de 1514
5 Lopo Gomes de Abreu a 14 de Julho de 1514
6 Lázaro Estopinhão a 3 de Agosto de 1514
7 Lopo Barriga a 14 de Agosto de 1514
8 Lançarote da Grela a 8 de Março de 1514

9 Lopo Rebelo a 9 de Maio de 1516
10 Luís Machado a 18 de Março de 1517
11 Lourenço Rodrigues a 16 de Julho de 1517
12 Luís Homem a 5 de Julho de 1517
13 D. Lopo de Almeida a 19 de Dezembro de 1517
14 Luís Carneiro a 22 de Fevereiro de 1518
15 Lançarote de Freitas a 19 de Março de 1518
16 Lopo de Vila Lobos a 9 de Junho de 1518
17 Lopo Cardoso a 16 de Julho de 1518
18 Luís Gonçalves a 20 de Junho de 1518
19 Luís Teixeira a 28 de Agosto de 1518
20 Luís Anes a 25 de Outubro de 1518
21 Luís Homem a 23 de Junho de 1518
22 Lopo Botelho a 3 de Novembro de 1518
23 Lopo de Brito a 7 de Fevereiro de 1519
24 Lourenço Soares a 11 de Agosto de 1521

El Rei D. João o 3.º

25 Luís Cassoto, Contador, a 1 de Outubro de 1523
26 Lourenço Álvares a 24 de Novembro de 1523
27 Lucas de Lenca a 9 de Março de 1527
28 Luís Fernandes Barbuda a 25 de Julho de 1529
29 Luís Simões a 22 de Janeiro de 1529
30 Lopo Mendes de Vasconcelos a 11 de Abril de 1529
31 Lopo Ferreira a 26 de Abril de 1529
32 Luís Gomes a 22 de Junho de 1529
33 Luís Ribeiro a 9 de Novembro de 1530
34 Lourenço de Sousa a 11 de Novembro de 1532
35 Leonis de Abrum a 8 de Janeiro de 1533

36 Luís Diniz a 1 de Maio de 1533
37 Luís Fernandes Barbuda a 3 de Junho de 1533
38 Lançarote de Freitas a 16 de Julho de 1533
39 Lopo de Vargas a 10 de Agosto de 1533
40 Lopo Ferreira a 10 de Agosto de 1533
41 Lopo de Brito a 14 de Agosto de 1533
42 Luís Gonçalves a 6 de Março de 1534
43 D. Luís Fernandes de Vasconcelos de Meneses a 9 de Abril de 1534
44 Lopo Fernandes a 27 de Junho de 1534
45 Leonardo de Queirós a 2 de Maio de 1536
46 Lopo Malheiro a 15 de Julho de 1536
47 Lourenço Pires de Távora a 29 de Junho de 1537
48 Luís de Faria Cavaleiro a 11 de Agosto de 1539
49 Luís Gonçalves de Ataíde a 1 (?) de Agosto de 1539
50 Luís de Loureiro a 7 de Outubro de 1539
51 D. Luís de Albuquerque a 1 de Agosto de 1540
52 Luís da Silva de Meneses a 1 de Maio de 1545
53 Leonardo Nunes a 19 de Fevereiro de 1546
54 D. Lopo de Sousa a 25 de Maio de 1548
55 Lázaro Fernandes a 23 de Agosto de 1548
56 D. Lopo de Almeida a 5 de Setembro de 1548
57 Lopo Vaz Machado a 10 de Outubro de 1548
58 D. Luís de Noronha a 27 de Junho de 1551
59 Leonardo Nibila a 7 de Dezembro de 1554
60 Luís Leite a 4 de Abril de 1555
61 Lopo de Andrade a 5 de Maio de 1556
62 Lázaro Ribeiro a 24 de Agosto de 1556
63 Luís Ribeiro a 6 de Novembro de 1557

El Rei D. Sebastião

64 Lopo Rodrigues de Carvalho a 10 de Janeiro de 1558
65 Luís Brandão a 11 de Janeiro de 1558
66 Luís Gonçalves de Meneses a 22 de Março de 1558
67 Lopo de Sousa a 8 de Janeiro de 1558
68 Lopo Vaz de Castelo-Branco a 24 de Outubro de 1558
69 Luís de Brito a 18 de Março de 1558
70 D. Luís Telo de Meneses a 7 de Abril de 1559
71 Luís Carneiro a 8 de Abril de 1561
72 Luís Lopes a 8 de Novembro de 1561
73 Lourenço Soares de Melo a 8 de Setembro de 1563
74 Luís da Silva a 22 de Setembro de 1563
75 Luís Álvares da Cunha a 3 de Dezembro de 1563
76 Luís Afonso a 2 de Fevereiro de 1564
77 Luís de Carvalho da Fonseca a 28 de Agosto de 1564
78 Lopo Soares a 3 de Setembro de 1564
79 Lourenço Soares de Albergaria a 24 de Setembro de 1564
80 Leonardo de Sousa a 8 de Outubro de 1564

M

El Rei D. Manuel

1 D. Manuel Mascarenhas a 27 de Julho de 1514
2 Martim Afonso de Melo a 7 de Abril de 1514
3 Martim Estunge (?) a 19 de Fevereiro de 1515
4 Manuel de Castro Alcoforado a 11 de Março de 1515
5 Mateus, Embaixador do Preste João, a 2 de Abril de 1515
6 Manuel de Lacerda a 21 de Janeiro de 1516

7 Manuel de Valdez a 6 de Julho de 1516
8 Manuel de Melo a 20 de Novembro de 1517
9 Manuel Cabral a 7 de Fevereiro de 1519
10 Martim de Távora a 19 de Abril de 1519
11 Manuel de Sousa a 30 de Setembro de 1519
12 Martim Alonso de Leão a 8 de Novembro de 1519
13 D. Manuel de Távora a 2 de Março de 1521
14 Manuel da Fonseca a 11 de Março de 1521
15 Manuel Freire a 12 de Julho de 1521
16 Manuel de Albuquerque a 30 de Julho de 1521

El Rei D. João o 3.º

17 Manuel de Carvalho a 17 de Agosto de 1523
18 Marcos Rodrigues a 24 de Fevereiro de 1527
19 Manuel de Noronha a 10 de Maio de 1527
20 Manuel de Azevedo a 15 de Junho de 1527
21 Manuel Pereira a 3 de Outubro de 1527
22 Manuel da Fonseca a 25 de Janeiro de 1528
23 Manuel Mendes a 18 de Fevereiro de 1528
24 Mateus Fernandes de Abreu a 3 de Novembro de 1528
25 Manuel Pacheco a 13 de Julho de 1529
26 Manuel Dias a 24 de Maio de 1529
27 Martim Guedes a 21 de Julho de 1529
28 Manuel Arnaut a 13 de Março de 1530
29 D. Manuel, filho do Conde de Vimioso, a 19 de Maio de 1530
30 Martim Vaz de Sousa a 20 de Fevereiro de 1527
31 Mendo Barbosa a 18 de Janeiro de 1531
32 Manuel Barbosa a 19 de Janeiro de 1531
33 Manuel Rodrigues de Sampaio a 7 de Maio de 1532

34 Manuel de Sousa Ribeiro a 3 de Novembro de 1532
35 Manuel de Sampaio a 11 de Novembro de 1531
36 Martim de Figueiredo a 18 de Maio de 1533
37 Manuel Mendes a 21 de Maio de 1533
38 Manuel Carvalho a 18 de Maio de 1533
39 Manuel Boto a 6 de Julho de 1533
40 Manuel Alonso de Leão a 13 de Julho de 1533
41 Manuel da Silva a 5 de Julho de 1533
42 Martim Lopes de Azevedo a 7 de Agosto de 1533
43 Manuel da Costa a 8 de Agosto de 1533
44 Manuel Cabral a 31 de Agosto de 1533
45 Manuel João a 14 de Setembro de 1533
46 Miguel de Sousa a 3 de Janeiro de 1534
47 Manuel de Melo Coutinho a 8 de Fevereiro de 1534
48 Manuel Dias a 20 de Fevereiro de 1534
49 Mateus de Paiva a 9 de Julho de 1534
50 D. Manuel Mascarenhas a 7 de Dezembro de 1534
51 Manuel da Fonseca a 12 de Dezembro de 1534
52 Manuel Ribeiro a 4 de Fevereiro de 1535
53 Manuel Roma da Cunha a 18 de Junho de 1538
54 Manuel de Moura a 28 de Março de 1538
55 Manuel de Sande a 5 de Agosto de 1539
56 Manuel Homem a 18 de Dezembro de 1539
57 Manuel Nunes Esparigo a 16 de Novembro de 1540
58 Manuel de Góis a 6 de Fevereiro de 1541
59 Manuel Pereira de Sousa a 25 de Abril de 1545
60 Manuel Mendes de Vasconcelos a 26 de Abril de 1545
61 Manuel Freire a 26 de Julho de 1545
62 Miguel de Arruda a 27 de Dezembro de 1545
63 Miguel Pacheco a 14 de Abril de 1546
64 D. Manuel de Morais a 26 de Maio de 1546

65 D. Martinho de Sousa a 17 de Outubro de 1546
66 Manuel Travaços a 1 de Janeiro de 1548
67 Miguel de Castanhoso a 13 de Julho de 1548
68 Manuel Arnaut a 14 de Setembro de 1548
69 Manuel Mascarenhas a 30 de Agosto de 1548
70 Martim de Távora a 3 de Janeiro de 1551
71 Manuel de Abreu de Sousa a 30 de Maio de 1551
72 Martim Afonso de Sousa a 27 de Junho de 1551
73 Manuel Quaresma Barreto a 8 de Outubro de 1551
74 Martim Anes da Fonseca a 2 de Fevereiro de 1552
75 Martim Gomes Teixeira a 6 de Fevereiro de 1552
76 Manuel Lobato a 24 de Dezembro de 1552
77 Manuel Botelho a 6 de Março de 1553
78 Manuel Cabral a 19 de Fevereiro de 1553
79 Mateus Verale a 25 de Abril de 1553
80 Manuel Lobo a 14 de Maio de 1555
81 Manuel de Melo a 28 de Agosto de 1555
82 Martim Afonso Coelho a 1 de Janeiro de 1556

El Rei D. Sebastião

83 Martim Vaz de Sousa a 17 de Novembro de 1557
84 D. Martinho da Silveira a 30 de Dezembro de 1557
85 Mem Rodrigues a 16 de Janeiro de 1558
86 Manuel Nunes a 2 de Julho de 1558
87 Manuel de Sá a 19 de Julho de 1559
88 Misser Alexandro Capilupi, Mantuano, a 25 de Janeiro de 1560
89 Misser Otaviano Cercencio a 26 de Janeiro de 1560
90 D. Miguel de Noronha a 12 de Março de 1560
91 Mateus Fernandes Freire a 1 de Maio de 1560

92 Manuel Fernandes de Vilhegas a 6 de Julho de 1560
93 Manuel Carneiro a 10 de Outubro de 1560
94 D. Manuel Lobo de Meneses a 27 de Fevereiro de 1560
95 Melacyoi de Negrone a 16 de Ábril de 1560
96 Manuel Pires a 20 de Setembro de 1561
97 Manuel de Araújo a 10 de Janeiro de 1562
98 Manuel da Silva a 12 de Fevereiro de 1563
99 Manuel de Sousa a 12 de Janeiro de 1564
100 Manuel de Melo a 13 de Março de 1564
101 Manuel Teles a 21 de Março de 1564
102 Manuel da Costa Soares a 18 de Julho de 1564
103 Manuel de Sande a 2 de Setembro de 1564
104 Martim Afonso de Miranda a 23 de Setembro de 1564
105 Miguel Leitão a 7 de Novembro de 1564
106 Manuel Soares a 2 de Novembro de 1564
107 Manuel do Couto Cardoso a 10 de Novembro de 1564

N

El Rei D. Manuel

1 Nuno da Fonseca a 7 de Fevereiro de 1513
2 Nuno Vaz Pereira a 8 de Junho de 1513
3 Nicolau Ferreira, Embaixador de Ormuz, a 3 de Setembro de 1513
4 Nuno Casado a 12 de Fevereiro de 1515
5 Nuno Furtado a 12 de Agosto de 1516
6 Nuno Leitão a 25 de Agosto de 1518
7 Nuno Ribeiro e 21 de Junho de 1519

El Rei D. João o 3.º

8 D. Nuno Álvares Pereira, sobrinho del Rei D. Manuel, a 10 de Agosto de 1528
9 Nuno da Paz a 13 de Maio de 1533
10 Nuno Camelo a 16 de Junho de 1533
11 Nicolau Juzarte a 23 de Julho de 1533
12 Nuno Álvares da Cunha a 19 de Julho de 1534
13 D. Nuno Álvares Pereira a 4 de Novembro de 1538
14 Nuno Barreto a 19 de Janeiro de 1548
15 Nuno Fernandes a 14 de Agosto de 1549
16 Nicolau de Sousa a 14 de Junho de 1551

El Rei D. Sebastião

17 D. Nuno da Cunha a 3 de Agosto de 1558
18 D. Nuno de Castro Barreto a 9 de Dezembro de 1563
19 Nicolau Raboli a 30 de Setembro de 1564
20 Nuno Álvares de Carvalho a 16 de Novembro de 1564

P

El Rei D. Manuel

1 D. Pedro, Embaixador de Manicongo, a 12 de Abril de 1512
2 Pedro Lourenço a 1 de Abril de 1513
3 Pedro Correia a 22 de Maio de 1513
4 Pedro de Meneses a 24 de Março de 1514
5 Pedro de Ataíde a 7 de Julho de 1514

6 Pedro Vaz, Vedor das obras, a 27 de Novembro de 1514
7 Pedro Boto a 1 de Abril de 1515
8 D. Pedro Mascarenhas a 29 de Abril de 1515
9 Pedro Ferreira a 10 de Maio de 1515
10 D. Pedro de Castelo-Branco a 23 de Maio de 1515
11 Pedro Godinho a 18 de Setembro de 1515
12 Pedro Vasques, da Casa de Bragança, a 14 de Outubro de 1516
13 Pedro Vaz a 1 de Janeiro de 1518
14 Pedro Afonso de Aguiar a 30 de Março de 1518
15 Pedro Afonso de Aguiar a 8 de Setembro de 1519
16 Pedro Godins a 29 de Março de 1519
17 Pedro Gomes Teixeira a 16 de Agosto de 1521
18 Pedro Barriga a 22 de Setembro de 1521
19 Pedro de Albuquerque a 1 de Dezembro de 1521

El Rei D. João o 3.º

20 Pedro de Anhaya a 4 de Novembro de 1527
21 Pedro Barreto a 30 de Março de 1528
22 Pedro Bonito a 28 de Maio de 1528
23 Pantalião Ferreira a 16 de Outubro de 1528
24 Pedro Álvares a 10 de Abril de 1529
25 Pedro Robalo de Lemos a 7 de Fevereiro de 1529
26 Pedro Pinto a 8 de Junho de 1529
27 Pedro de Venizianos, Guarda-mor, a 7 de Novembro de 1529
28 Pedro Barbosa a 7 de Janeiro de 1530
29 Pedro Vaz Moro a 20 de Março de 1531
30 Pedro Homem de Azurar a 25 de Setembro de 1531
31 Pedro Vaz de Magalhães a 2 de Maio de 1531
32 Pedro Homem a 26 de Setembro de 1531

33 Pedro Carvalho a 17 de Novembro de 1532
34 Pedro de Cárdenas a 10 de Dezembro de 1533
35 Paio Rodrigues a 1 de Maio de 1533
36 Pedro Rodrigues a 8 de Junho de 1533
37 D. Pedro de Castelo-Branco a 10 de Agosto de 1533
38 Pedro Afonso de Aguiar a 31 de Agosto de 1533
39 Pedro Gomes a 23 de Outubro de 1533
40 Pedro Vaz a 25 de Novembro de 1533
41 Pedro Álvares a 8 de Dezembro de 1533
42 Pedro Rodrigues a 13 de Outubro de 1534
43 Pantalião Rodrigues a 13 de Outubro de 1534
44 D. Pedro Mascarenhas a 5 de Março de 1536
45 Pedro Bastos da Costa a 22 de Novembro de 1536
46 Pedro Carvalho a 11 de Novembro de 1532
47 Pantalião Ribeiro a 11 de Março de 1537
48 Pedreanes do Canto a 10 de Maio de 1537
49 Pedro Pinto a 12 de Maio de 1537
50 Pedro Dias a 19 de Maio de 1539
51 Pedro Vaz a 14 de Fevereiro de 1540
52 Pedro de Aguiar a 12 de Outubro de 1540
53 Pedro da Fonseca de Castro a 3 de Outubro de 1541
54 Pedro Vaz da Fonseca a 27 de Março de 1538
55 Pedro Lopes de Sousa a 4 de Dezembro de 1538
56 D. Pedro Coutinho a 2 de Outubro de 1542
57 Pedro da Cunha a 24 de Setembro de 1542
58 D. Pedro da Cunha a 6 de Dezembro de 1542
59 Pedro Fernandes de Almada a 27 de Março de 1545
60 Pedro de Alcáçova Carneiro a 19 de Dezembro de 1545
61 Pedro Nunes de Gaula a 30 de Outubro de 1546
62 Pedro Leitão a 17 de Dezembro de 1546
63 D. Pedro Mascarenhas a 2 de Abril de 1547

64 Pedro Pinelo a 10 de Maio de 1547
65 Pedro Vieira a 2 de Agosto de 1547
66 Pedro Nunes a 9 de Abril de 1548
67 Pedro de Mendonça a 26 de Março de 1548
68 Pedro Homem a 11 de Março de 1549
69 D. Pedro de Sousa a 15 de Fevereiro de 1551
70 Pedro Cardoso a 16 de Janeiro de 1551
71 Pedro Barriga a 5 de Dezembro de 1551
72 Pedro Pardo a 7 de Janeiro de 1552
73 Pedro Couceiro a 1 de Julho de 1552
74 Pompeu Mongalo a 31 de Dezembro de 1554
75 Pedro de Abreu a 25 de Fevereiro de 1555
76 Pedro de Castro a 27 de Outubro de 1557
76 Pedro Ponce de Leão a 26 de Julho de 1548

El Rei D. Sebastião

77 D. Pedro de Sousa a 25 de Dezembro de 1558
78 Pedro Leitão de Gamboa a 5 de Janeiro de 1558
79 Pedro Juzarte a 23 de Janeiro de 1558
80 Pedro da Guerra a 18 de Julho de 1558
81 Pedro da Costa a 13 de Julho de 1558
82 Pedro Afonso a 9 de Agosto de 1559
83 Pandolfo Rezilac a 3 de Abril de 1560
84 Pedro Ferreira a 12 de Abril de 1561
85 Pedro Sanches a 23 de Setembro de 1562
86 Pedro de Góis a 8 de Setembro de 1563
87 Pedro Correia de Lacerda a 18 de Novembro de 1563
88 Pedro Paulo Marchioni a 18 de Novembro de 1563
89 Pedro Pessoa a 21 de Maio de 1564
90 Pedro de Castilho a 18 de Julho de 1564

91 Pedro Vaz da Veiga a 16 de Novembro de 1564
92 Pedro Simões a 24 de Novembro de 1564
93 Pedro Guedes a 28 de Novembro de 1564

R

El Rei D. Manuel

1 Rui Dias do Pau a 22 de Setembro de 1510
2 Rui Leite a 17 de Outubro de 1513
3 Rui de Távora a 23 de Maio de 1514
4 Rafael Catano a 16 de Outubro de 1514
5 Rui Treiro a 12 de Outubro de 1514
6 Rui de Andrade a 2 de Março de 1515
7 Rui Dias de Azevedo a 27 de Maio de 1515
8 D. Rodrigo Lobo a 12 de Outubro de 1515
9 Rui Mendes de Sá a 3 de Julho de 1516
10 Rui Lopes de Savedra, Galego, a 17 de Janeiro de 1517
11 Rui de Sousa a 26 de Novembro de 1517
12 Rui Gomes a 9 de Agosto de 1518
13 Rafael Perestrelo a 21 de Agosto de 1518
14 Rui Gonçalves Maracote a 19 de Outubro de 1518
15 Rui de Melo a 23 de Setembro de 1521

El Rei D. João o 3.º

16 Rui Pires a 21 de Agosto de 1523
17 Roque de Abreu a 7 de Maio de 1527
18 Rui Gomes Pais a 22 de Agosto de 1527
19 Rui Lourenço de Távora, a 18 de Junho de 1527

20 D. Rodrigo de Lima a 22 de Março de 1528
21 Rui Carrião a 20 de Fevereiro de 1529
22 Rui Martins Pinheiro a 19 de Dezembro de 1529
23 Rui Zalema de Camões a 22 de Agosto de 1530
24 Rui Lourenço de Távora a 11 de Outubro de 1532
25 Rui de Tamaro de Ramonteniz a 22 de Agosto de 1530
26 Rui Martins Pinheiro a 8 de Junho de 1533
27 Rui de Carvalho a 11 de Novembro de 1532
28 Rui Figueira a 16 de Junho de 1533
29 Rodrigo Pereira da Silva a 22 de Julho de 1533
30 Rodrigo Lobo a 5 de Abril de 1533
31 Rodrigo Mendes de Vasconcelos a 2 de Agosto de 1534
32 Roque de Abreu a 3 de Julho de 1535
33 Rodrigo de Sá a 18 de Julho de 1535
34 Rafael Catano a 21 de Janeiro de 1536
35 Rodrigo de Melo Barreto a 2 de Março de 1536
36 Rodrigo de Pina a 26 de Março de 1536
37 Rui Lopes de Sampaio a 30 de Julho de 1536
38 Rui de Sousa a 7 de Novembro de 1536
39 Rui Dias de Freitas a 21 de Maio de 1539
40 Rodrigo de Sá a 18 de Maio de 1539
41 Rodrigo de Vasconcelos a 12 de Dezembro de 1540
42 Rui Martins a 21 de Março de 1541
43 Rodrigo da Franca a 20 de Junho de 1542
44 Rui Mendes de Mesquita a 21 de Abril de 1543
45 Rui Barreto a 3 de Julho de 1544
46 Rui Freire de Andrade a 29 de Abril de 1545
47 Rodrigo Álvares a 29 de Agosto de 1545
48 Rui Gomes Pais a 30 de Outubro de 1545
49 Rodrigo de Faro Mascarenhas a 11 de Novembro de 1547
50 Rui Dias a 12 de Novembro de 1547

51 Rodrigo Anes de Bados a 3 de Novembro de 1548
52 Rui Vaz Caminha a 9 de Outubro de 1549
53 Roque de Lemos a 18 de Setembro de 1555
54 Rui Gomes da Cunha a 4 de Fevereiro de 1546

El Rei D. Sebastião

55 Rui de Melo da Cunha a 20 de Dezembro de 1557
56 Rodrigo Manuel a 9 de Novembro de 1557
57 Rui de Sousa de Carvalho a 10 de Dezembro de 1558
58 Reyner de Balneyo a 15 de Setembro de 1560
59 Rui Zalema a 19 de Outubro de 1560
60 Rui Teles a 4 de Setembro de 1562
61 Rui Gomes a 27 de Outubro de 1562
62 Rui Teles de Meneses a 1 de Abril de 1563
63 Rui de Sousa a 9 de Outubro de 1563
64 Rui Nunes Barreto a 13 de Junho de 1564
65 D. Rodrigo de Lancastro a 3 de Outubro de 1564
66 Rodrigo Lobo a 21 de Dezembro de 1564

S

El Rei D. Manuel

1 Sebastião de Vargas a 28 de Julho de 1512
2 Sebastião Rolim a 16 de Fevereiro de 1514
3 Sebastião de Abreu a 21 de Fevereiro de 1514
4 Sebastião Lopes a 15 de Janeiro de 1515
5 Soeiro Mendes Neto a 7 de Maio de 1515

6 Sebastião Salvago a 29 de Fevereiro de 1517
7 Silvestre Bachão a 20 de Novembro de 1517
8 Simão Fernandes a 22 de Maio de 1518
9 Sebastião da Costa a 18 de Junho de 1518
10 Simão de Faria a 11 de Novembro de 1519
11 Simão de Góis a 10 de Maio de 1521
12 Sebastião da Fonseca a 10 de Maio de 1521

El Rei D. João o 3.º

13 Simão da Cunha a 16 de Setembro de 1523
14 Simão Guedes a 7 de Agosto de 1527
15 Sebastião Coelho a 20 de Agosto de 1528
16 Sebastião da Veiga a 20 de Janeiro de 1529
17 Sebastião da Costa a 2 de Janeiro de 1529
18 Sebastião de Macedo a 11 de Maio de 1533
19 Simão de Sousa a 16 de Junho de 1533
20 Simão Gonçalves a 8 de Junho de 1533
21 Sebastião de Vouzela a 13 de Julho de 1533
22 Sebastião Raposo a 24 de Agosto de 1536
23 Simão de Sousa a 2 de Abril de 1536
24 Simão Rebelo a 7 de Novembro de 1537
25 Simão Fernandes a 18 de Abril de 1539
26 Sebastião Coelho a 4 de Setembro de 1540
27 Simão Vaz a 21 de Julho de 1540
28 Sebastião de Oliveira a 21 de Julho de 1540
29 Simão Delgado de Brito a 30 de Junho de 1541
30 Simão da Veiga a 18 de Maio de 1543
31 Sebastião Salvago a 18 de Dezembro de 1547
32 Sebastião Peres de Andrade a 13 de Setembro de 1548
33 Simão Pinto a 12 de Novembro de 1551

34 Simão Jácome a 17 de Julho de 1552
35 Sypione Piamonte a 15 de Fevereiro de 1555
36 Simão de Vasconcelos a 4 de Abril de 1555
37 Simão de Meneses a 20 de Abril de 1557

El Rei D. Sebastião

38 Sebastião de Sousa a 11 de Novembro de 1557
39 Simão Dias a 2 de Julho de 1558
40 Simão Lopes de Mendoça a 4 de Agosto de 1558
41 Simão de Quadros a 1 de Julho de 1560
42 Sebastião Rodrigues a 14 de Abril de 1561
43 Sebastião de Macedo a 2 de Setembro de 1563
44 Sforça Almeni a 16 de Abril de 1564
45 Sebastião da Costa a 14 de Novembro de 1564
46 Sebastião de Andrade a 23 de Novembro de 1564

T

El Rei D. Manuel

1 Troilos de Araújo a 16 de Setembro de 1513

El Rei D. João o 3.º

2 Tristão Gomes a 26 de Maio de 1526
3 Tristão da Cunha a 22 de Novembro de 1529
4 Tristão Nunes a 18 de Agosto de 1529
5 Tomás de Barros a 12 de Maio de 1533
6 Tomé de Sousa a 8 de Agosto de 1533

7 Tomás Coelho a 8 de Agosto de 1535
8 Tomás de Torres a 30 de Abril de 1536
9 Tristão da Costa a 30 de Junho de 1541
10 Tristão Homem a 15 de Julho de 1541
11 Tomé Pinto a 23 de Maio de 1545
12 Tristão de Ataíde a 5 de Setembro de 1547
13 Tristão Gomes de Aguiar a 31 de Julho de 1548
Tristão da Cunha a 10 de Abril de 1555

El Rei D. Sebastião

14 Tomé de Sousa a 12 de Janeiro de 1558
15 Tristão Cernige a 7 de Maio de 1559
16 Tadeu Botom a 10 de Novembro de 1561
17 Thomasco de Medices a 6 de Abril de 1562
18 Tomé Rodrigues a 27 de Janeiro de 1564

V

El Rei D. Manuel

1 Vasco Fernandes Caminha a 23 de Janeiro de 1513
2 Vicente Rodrigues de Calvos a 10 de Maio de 1515
3 Vasco de Pina a 7 de Novembro de 1516
4 Vicente Nabo a 5 de Junho de 1516
5 Vicente Correia a 18 de Maio de 1521
6 Vendone da Cunha a 9 de Setembro de 1521

El Rei D. João o 3.º

7 Vasco Pires a 26 de Novembro de 1527
8 Vasco Fernandes César a 11 de Outubro de 1529
9 D. Vasco .... a 31 de Agosto de 1530
10 Vasco Fernandes de Sá a 1 de Junho de 1533
11 Vicente de Pina a 27 de Abril de 1533
12 Vincencio Hambrum a 15 de Junho de 1533
13 Vasco Ribeiro a 22 de Junho de 1533
14 Vasco Fernandes Caminha a 7 de Julho de 1533
15 Vasco Correia a 13 de Julho de 1533
16 Vicente Gil a 2 de Janeiro de 1539
17 D. Vasco Coutinho a 21 de Março de 1543
18 Vicente Gonçalves a 16 de Dezembro de 1546
19 Vasco da Silveira a 5 de Março de 1547
20 Vicente de Sá de Barbuda a 18 de Dezembro de 1547
21 Vasco de Sousa a 26 de Fevereiro de 1551
22 Vasque Anes de Cernache a 26 de Setembro de 1553
23 Vicente de Almada a 11 de Março de 1553

El Rei D. Sebastião

24 Vasco de Almeida a 5 de Julho de 1558
25 Vasco da Cunha a 17 de Março de 1559
26 Vincencium Falicoa a 29 de Abril de 1562
27 Vicente de Sousa a 26 de Março de 1564
28 Vicente Álvares Ribeiro a 7 de Novembro de 1564
29 Vasco Anes a 13 de Dezembro de 1564

O Caminho de Ferro Larmanjat

por

António Pais de Sande e Castro

O Caminho de Ferro Larmanjat *

Exmo Senhor Presidente

Minhas Senhoras e meus Senhores

PARECE-ME que o assunto desta minha insignificante comunicação não ficará deslocado neste ambiente; vou referir-me a factos sucedidos, em Lisboa e seus arredores, há uns bons oitenta e tal anos. Antes de completar este trabalho, fiz, a muitas pessoas, esta pergunta: Sabe o que foi o Larmanjat? Uns, raros, sabiam vagamente da existência deste caminho de ferro; a outros parecia terem ouvido falar; uns tantos confundiam-no com outro meio de locomoção em Lisboa; e, para os mais, foi uma surpresa a minha pergunta. Não é de admirar que tal aconteça em 1953; pois já Camilo Castelo-Branco, anotando a sua tradução da obra inglesa «A Formoza Lusitania», de Lady Jackson, dizia em 1878: «...o Larmanjat parece facto já esvahido na profunda noite dos tempos prehistoricos. A viação Larmanjat parece mytho como a passarola do jesuita Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Ainda vivem, porém, pessoas que viram os carros em 1874; mas recordam-se d'isso como dizem que ha um vago recordar de factos ocorridos em uma vida anterior.»

---

* Trabalho lido em assembleia geral extraordinária de 12 de Março de 1953.

*

* *

Ia quase acabado o mês de Agosto de 1869; ainda se não falava em «carros americanos» nem se sabia o que fosse tal coisa; reinavam os «omnibus» e os «char-à-bancs». Lisboa é surpreendida com a notícia de que, brevemente, um «caminho de ferro systema Larmanjat» circularia nalgumas estradas próximas à capital e, possìvelmente nas suas ruas, importado pelo Marechal Saldanha.

Que seria?

Em Maio do ano anterior tinham-se feito, perto do bosque de Vincennes, experiências com um caminho de ferro diferente dos já conhecidos; e constava que elas teriam demonstrado claramente a possibilidade de resolver o problema de tracção por estradas ordinárias. A locomotiva fora submetida à prova com os seus oito cavalos, arrastando oitenta passageiros com uma velocidade de quinze a vinte quilómetros à hora, ou trinta toneladas de mercadorias à de cinco ou seis. Verificara-se facilidade de movimentos rápidos em todas as curvas e a vantagem de poder vencer qualquer rampa «em virtude do duplo systema de rodas que, coadjuvando-se mutuamente, produzem a aderencia necessaria para que não haja escorregamento nas mais fortes inclinações», dizia-se.

Joseph Larmanjat, engenheiro francês, que, em 1868, inventara o caminho de ferro misto com a novidade de ser mono-carril, logo a seguir às experiências de Vincennes apresentara um sistema muito aperfeiçoado, embora diferindo pouco do anterior, mas permitindo a redução do atrito sem prejuízo da aderência.

Larmanjat começou por ser maquinista nas oficinas da Companhia de Orleans a Tours. Em 1852 ganhou, com um motor eléctrico da sua autoria, o prémio de 50 mil francos que o Governo francês instituíra para recompensar o inventor da mais eficaz utilização da força eléctrica.

Depois projectou instrumentos agrícolas e para o fabrico de louça, tijolos e mosaicos; e também uma caldeira a vapor inexplosível. E quando foi autorizada a circulação de máquinas a vapor nas estradas do seu país, Larmanjat enviou à Exposição Universal de 1867 uma locomotiva, com a qual ganhou uma medalha de honra.

O primeiro ensaio com o caminho de ferro misto mono-carril, da sua invenção, fez-se entre as vilas de Raincy e Montfermeil, aproveitando uma faxa lateral da estrada que ligava as duas povoações, deixando, assim, livre o trânsito ordinário. A via assentava sobre travessas; mas era, como dissemos, composta de um único carril, mais estreito e mais baixo que os vulgares daquele tempo.

A máquina pesava só 3 toneladas; era toda de aço e tinha 4 rodas: duas, no seu eixo central e cada uma em sua frente, assentavam no carril e dirigiam o movimento; as outras duas, colocadas aos dois lados da parte média da máquina, apoiavam-se no pavimento da estrada e eram as que imprimiam o movimento, pois estavam ligadas ao aparelho motor por meio de uma engrenagem e um sem-fim. Completava o maquinismo um engenhoso sistema de molas que, regulando a força motriz, evitava qualquer choque no arranque. Larmanjat, apoiando-se nos seus cálculos, afirmava que 20 quilómetros desta linha, compreendendo despesas de construção e materiais, não custariam mais que o correspondente a 46 contos, ou uns 2 contos e 300 mil réis por quilómetro. Nas experiências, a locomotiva arrancou em rampas de 7 por cento, imprimindo ao combóio uma velocidade que, por vezes, ultrapassou os 16 quilómetros à hora!

*

*   *

Ao Duque de Saldanha, espectador destas experiências, pois se achava, então, à frente da legação de Portugal em Paris, ocorreu aplicar tal

«systema» a um caminho de ferro em estradas portuguesas. O decreto de 29 de Julho de 1869, publicado no *Diário do Governo* de 31, dizia:

> «Attendendo ao que me representou o Duque de Saldanha, e tendo ouvido a junta consultiva de obras publicas e minas, hei por bem conceder ao mesmo duque a licença que me pediu para estabelecer, na parte da estrada districtal n.º 84, comprehendida entre a estação do caminho de ferro de leste, no Carregado, e a villa de Alemquer, um carril de ferro com o fim de transportar passageiros e mercadorias no material circulante do systema Larmanjat.»

Seguiam-se as condições, entre elas as seguintes:

> «O carril de ferro será assente fóra do eixo e a um dos lados da estrada, por modo que não embarace a passagem e cruzamento de carros e quaesquer outros vehiculos.»
>
> «O carril não fará saliencia sobre a parte da estrada em que assentar.»
>
> «O requerente fica obrigado a conservar em bom estado a facha aproveitada para a circulação dos seus trens.»
>
> «Da execução das presentes condições fica sendo caução o material fixo e o circulante que o requerente empregar no uso d'esta licença.»

E a este diploma seguem-se outros. Logo em 8 de Setembro, novo decreto [1] isenta de direitos alfandegários «todo o material fixo e circulante indispensavel para a construcção e exploração do caminho de ferro mixto de um só carril» autorizado pelo decreto anterior.

---

[1] *Diário do Governo* de 8 de Setembro de 1869, n.º 203.

Não passou um mês sem que surgisse outro decreto, o de 12 de Outubro ([2]), concedendo licença ao Duque para estabelecer, na estrada distrital n.º 88, entre Cascais e Pero Pinheiro, o mesmo «carril de ferro»; mas com uma novidade: «estabelecendo-se» (diz ele) «de uma e outra banda do mesmo carril longarinas de madeira ou pequenas faxas empedradas para as rodas motoras.» Deixavam estas, portanto, de rodar directamente sobre o leito da estrada, para caminharem sobre tabuões embutidos no macadame.

Treze dias depois, em 25, novo diploma governamental ([3]) autoriza Saldanha a colocar «carril» na parte das estradas reais números 61, 62 e 63, «que estabelecem a comunicação entre Lisboa e Leiria, passando pelo Lumiar, Torres Vedras, Caldas e Alcobaça». Havia, porém, que atender à circunstância de que aquelas estradas tinham larguras diferentes, e de que ainda não estavam acabados de construir os lanços de Loures à Ponte da Lousa, e de Torres a Óbidos. Assim, exigia-se que o carril fosse colocado fora do eixo da estrada, *e a um lado dela ou sobre uma das bermas,* conforme a largura. É curioso que em nenhum destes diplomas se fala em prazos; só em 1871, pelo decreto de 13 de Maio ([4]), é que se fixa em 4 anos o prazo para a construção e em 90 para a exploração de todas as linhas já concedidas.

*

* *

Onde, nestas concessões, se diz *Lisboa,* deve entender-se *portas ou barreiras de Lisboa.* Havia muitas; mas, na parte que agora nos interessa, que é a parte norte, contavam-se de poente para nascente: Arcos das

---

([2]) *Diário do Governo* de 16 de Outubro de 1869, n.º 236.

([3]) *Diário do Governo* de 29 de Outubro de 1869, n.º 247.

([4]) *Diário do Governo* de 11 de Março de 1872, n.º 56.

Águas Livres; Campolide; Entre-muros (em frente ao reservatório das águas); São Francisco Xavier; Palhavã; Rego; Guarda-mor; Picoas; Arco do Cego; Arroios; Largo do Leão; Sacavém (que ficava entre a igreja e o convento de Arroios); Caracol da Penha; Poço dos Mouros; e Baixa da Penha.

Dali para dentro mandava a Câmara. Por isso, Saldanha, logo que se achou de posse daquelas autorizações, dirige as suas vistas para o interior da cidade e pede licença ao Município para «ligar as linhas ferreas, de que tem a concessão, com a parte central de Lisboa». E, adiantando-se aos acontecimentos, como pensava começar a construção nas portas de Arroios em direcção ao Lumiar, tratou de arrendar, para cocheiras do material circulante, um local não longe daquela barreira: o pátio do palácio do Conde de São Miguel. Estava situado, ao cimo duma bela quinta, na Rua Direita de Arroios, tornejando para a Travessa do Forno do Tijolo, onde acabavam o Caminho da Charca e o Regueirão dos Anjos. A quinta foi cortada, muitos anos depois, pela Avenida de D. Amélia e pelas Ruas de António Pedro e de Fr. Francisco Foreiro. Devido à abertura desta última, edificou-se, em terreno público, um prédio de um andar fazendo esquina em redondo para a Rua de Arroios, e contíguo pelo lado norte com o palácio, deixando este de fazer esquina como em 1869 fazia. Antes estivera a cervejaria do Leão, depois de «cocheira dos *bucéfalos* a vapor do Larmanjat» na espirituosa frase de Mestre Castilho. Neste palácio é certo ter-se aposentado o Senhor D. António, logo após a morte do Cardeal-Rei, quando o seu proprietário era Diogo Botelho, o moço, e o local se chamava Campo da Forca.

Em Novembro o marechal puxa mais um fio: requer à Câmara que o deixe ir até ao Aterro com o seu Larmanjat. A edilidade não acha bem, o Duque irrita-se e vem para os jornais com esta carta (5):

---

(5) Foi publicada em todos os jornais de Lisboa, de 24 de Novembro de 1869.

«Snr. Redactor. Annuindo aos desejos expostos na representação que me dirigiram diversos e mui respeitaveis negociantes da praça de Lisboa e principaes exportadores, pedi, em requerimento á camara municipal, o poder levar ao Aterro o caminho de ferro que estou construindo do Lumiar ao Arco do Cego. Sem a mais profunda e inteira convicção de que nenhum damno ou prejuizo podia resultar aos habitantes d'esta capital, em que me glorio haver nascido ([6]), não teria annuido á pretensão d'aquelles negociantes e expositores. Creio que ninguem, estando animado sómente pelo amor do bem publico, deixaria de concordar no que acima refiro, quando soubesse que os trens de passageiros não passariam do largo do Intendente; que os comboios de mercadorias só atravessariam as ruas da cidade baixa depois da meia noite; e ao passo de carros de bois. Todas estas precauções seriam tomadas, apesar de que os trens pela via ferrea a um carril param com mais promptidão que qualquer carruagem ordinaria. Por mais de uma vez, descendo eu uma rampa com o declive de sete e meio e com a velocidade de 16 a 20 kilometros por hora, vi parar o trem a 2 metros de distancia do lugar onde eu proprio dera a voz de alto. Sem embargo de tudo que levo dito e de haver a junta consultiva das obras-publicas confirmado as minhas idéas, apresso-me, para tranquilisar os animos timoratos, a fazer publico que vou retirar da camara municipal o requerimento em questão, assegurando que os trens não entrarão na cidade, parando todos na barreira do Arco do Cego. Sinto vêr-me forçado a occupar a attenção do publico, mas não consinto, nem consentirei jámais, que possa ser posta em duvida a

---

([6]) Nasceu no Palácio da Anunciada em 17 de Novembro de 1790; escrevia, portanto, com 79 anos.

minha dedicação, entranhado affecto e sincero reconhecimento a este povo bondoso e nobre que tão constantes e ininterruptas provas tem dado da sua benevolencia para commigo. O caminho de ferro que emprehendi é todo no interesse do povo e para o povo. Mal pensava eu que as minhas intenções poderiam ser adulteradas. Muito obrigado ficará a v. pela prompta publicação d'estas linhas. De v. leitor constante. Lisboa, 23 de Novembro de 1869. *Duque de Saldanha.*»

Dissera: «os trens não entrarão na cidade, parando todos na barreira do Arco do Cego». Pois sim... mas, em 6 de Dezembro, pedia à Câmara «a faculdade de continuar os carris do caminho Larmanjat até ao Largo de Arroios, *mas só como experiencia*». A Câmara anuiu, com o voto, contra, do vereador Isidoro Viana (originando acesa discussão entre os edis), em sessão de 9 do mesmo mês (7).

Mais um empurrãozinho... e estaria na Charca. Efectivamente, logo a seguir, pede licença *para fazer um ensaio* entre o Largo de Arroios e a Charca, colocando o carril e as faxas de madeira. A Câmara diz que sim a tudo... (8).

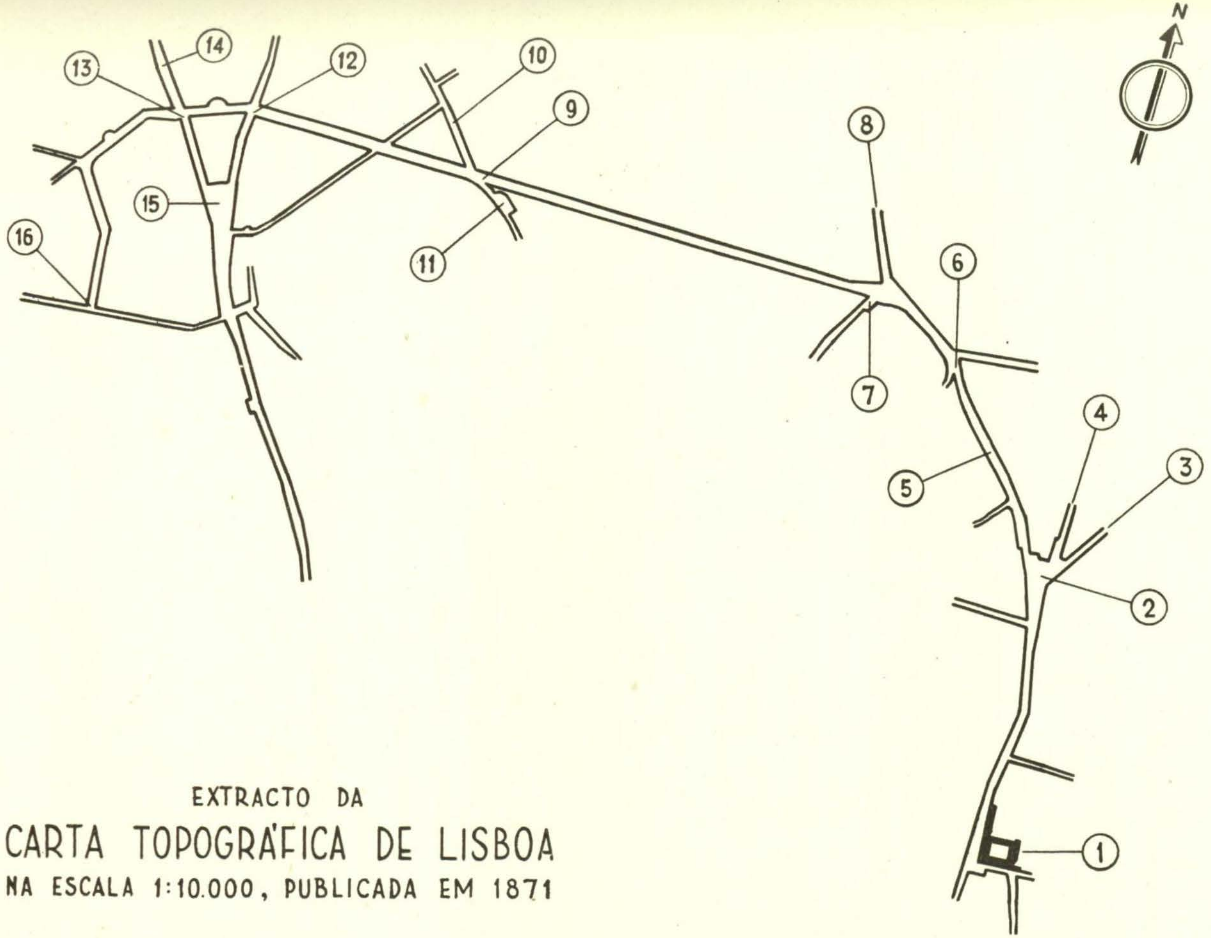
Fora de portas o assentamento da linha estava quase a chegar ao Arco do Cego; e cá dentro, passada uma semana, já havia grande azáfama no Largo de Arroios. Começam os protestos: o primeiro, da «companhia lisbonense de iluminação a gaz» que, poucos dias antes (9), firmara novo contrato com o município, e dizia estar sendo danificada a sua canalização. Fez tanto barulho que, imediatamente (em 22), o ministro das Obras Públicas manda perguntar à Câmara se consentira no prolongamento do

---

(7) *Archivo Municipal*, 1869.

(8) Em sessão de 6 de Dezembro de 1869.

(9) Em 13 de Dezembro de 1869.



EXTRACTO DA

CARTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA

NA ESCALA 1:10.000, PUBLICADA EM 1871

1 — Palácio do Conde de S. Miguel, 2 — Largo de Arroios. 3 — Estrada de Sacavém. 4 — Estrada da Charneca. 5 — Estrada de Arroios. 6 — Portas de Arroios. 7 — Portas do Arco do Cego. 8 — Estrada do Arco do Cego, para Lumiar e Torres Vedras. 9 — Portas das Picoas. 10 — Rua das Cangalhas. 11 — Estrada das Picoas. 12 — Porta do Rego. 13 — Portas de Palhavã. 14 — Estrada de Palhavã, para Benfica e Sintra. 15 — Largo de S. Sebastião da Pedreira. 16 — Portas de S. Francisco Xavier

Larmanjat nas ruas de Lisboa, obtendo como resposta que sòmente concedera «licença para assentar a linha desde as portas até ao palácio S. Miguel»; acrescentando-se: «o que ainda não está feito». Surge a Companhia das Águas aterrada: «se o caminho de ferro passa á travessa da Cruz do Taboado, por cima do Caracol á Penha, poderá acontecer ficarem sem agua a Penha, a Graça, o Castello, até Santa Luzia» ([10]). Uma calamidade pública... Saldanha compromete-se a cobrir o sifão com uma abóboda de tijolo; mas não se livra de que, em 18 de Janeiro de 1870, saisse uma portaria tornando-o responsável perante aquela companhia pelos prejuízos causados e ordenando à Câmara que tomasse «as providencias necessarias para que a exploração da linha se faça sem o menor risco e fique garantida a segurança e a commodidade do publico».

Em 7 de Fevereiro já estava concluído o assentamento do carril e tabuões desde as cocheiras até ao Lumiar pelo trajecto seguinte: Rua Direita de Arroios; Largo de Arroios; aqui deixava-se à direita a estrada de Sacavém que ia passar às portas de Sacavém (a que já me referi, localizando-as), e em frente a estrada da Charneca que ia passar às portas do Leão; tomava-se à esquerda pela estrada de Arroios (hoje calçada) até à barreira deste nome, que vinha a ficar entre a do Arco do Cego e a do Leão, aproximadamente onde hoje desemboca a Rua do Visconde de Santarém. Seguia-se, depois, pela estrada de circunvalação até à barreira do Arco do Cego onde, em frente para o norte, seguia a estrada do Arco do Cego que levava ao Campo Pequeno, Campo Grande e Lumiar.

O ministro das Obras Públicas nomeia uma comissão composta de José Vitorino Damásio, Nuno Augusto de Brito Taborda e Luís Vítor Lecocq, para, sem perda de tempo, proceder à verificação e exame da

---

([10]) Em requerimento apresentado em sessão camarária de 23 de Dezembro de 1869.

linha e apresentar o competente parecer ([11]). Outra portaria, da mesma data, avisa o Duque de Saldanha de que a linha, já construída, não pode ser aberta à circulação sem que o governo aprove aquele parecer, e sem que o concessionário apresente à apreciação do ministro o regulamento dos serviços, a tabela das tarifas e o horário das viagens. Estas foram aprovadas em 4 de Março e na forma seguinte ([12]):

«CAMINHO DE FERRO LARMANJAT — Tabella provisoria do movimento dos comboios entre Lisboa e Lumiar (Velocidade 12 kilometros)». Haveria 3 comboios diários ascendentes e outros tantos descendentes; e as passagens custariam:

— da estação de Arroios à do Lumiar seis vintens em primeira classe e três em terceira;
— de Arroios ao Campo Grande (em frente á Igreja) quatro vintens e um pataco ,respectivamente;
— e um pataco e um vintem do Campo Grande ao Lumiar.

Notas importantes: Transporte grátis de bagagem até 10 quilos; o que fosse além pagaria 10 réis cada quilo; «não se estabelece, por enquanto, regulamento para o serviço de mercadorias, porque as não ha entre Arroios e Lumiar».

No dia 10 de Março houve carreiras extraordinárias de experiência; o anúncio aparecido nos jornais, era assinado por «D. José Manuel de Vilhena e Saldanha».

([11]) Portaria de 7 de Fevereiro de 1870, publicada no *Diário do Governo* de 9 seguinte, n.º 30.

([12]) *Diário do Governo* de 7 de Março de 1870, n.º 51.

A inauguração foi em 13. Dias depois [13], a empresa publica o seguinte:

«Constando que ha familias que desejam ir ao Lumiar em viagem de recreio, a direcção resolveu estabelecer carruagens especiaes para esse serviço do modo seguinte: As pessoas que quizerem utilisar-se das ditas carruagens darão de vespera aviso à direcção da hora a que pretendem sair. O preço de ida e volta de uma carruagem com 22 logares, saindo de Arroios até ao Lumiar, e demorando-se ali até trez quartos d'hora, é de rs. 6$000; e o preço da mesma carruagem saindo de Arroios de manhã e voltando do Lumiar de tarde para reconduzir d'ali os passageiros, é de reis 8$000, não podendo o regresso da carruagem ser depois das 6 horas.»

Li algures que, no dia da inauguração, ao regressar, a máquina perdeu a pressão no Largo de Arroios e tiveram que desatrelar a última carruagem; os convidados correram as vidraças porque chovia torrencialmente... e lá ficaram metidos; do lado de fora, o povinho, com grande risota, troçava dos desgraçados. E como não veio outra máquina a buscá-los, ali ficaram horas e horas, e sempre a chover cada vez mais. Pensaram em empurrar eles próprios a carruagem até à cocheira, valendo-lhes, porém, um grupo de moços de fretes que cumpriu tal missão. Júlio César Machado, na sua «Lisboa na rua», descreve admiràvelmente este ridículo transe.

O certo é que deve ter sido um acontecimento muito engraçado, porque até se escreveu, e representou durante meses, uma comédia com o título «A inauguração do Larmanjat». Foi seu autor o gazetilheiro Luís

---

([13]) Nos jornais de Lisboa, de 19 de Março de 1870.

de Araújo; pô-la em cena no teatro da Rua dos Condes de que era empresário. Antes, foi a casa do marechal, leu-lhe a obra e pediu-lhe que fosse assistir à estreia. Dizia-se que Saldanha «rira a bandeiras despregadas», abraçara o autor e assistira à representação acompanhado da duquesa.

Ainda não findara Março e um grande desastre constava na vida do Larmanjat: por estar uma pedra em cima do carril, a máquina descarrilou, foi de encontro a um muro e entalou, contra ele, um homem que ia pendurado num estribo duma das carruagens.

O troço de linha entre o palácio de S. Miguel e Arroios servia sòmente para saída e recolha do material circulante. Mas Saldanha pede à Câmara ([14]) para levar o Larmanjat até Santa Apolónia. O requerimento foi indeferido nesta forma: «este caminho de ferro deve ser adoptado em caminhos especiaes e nunca pelas ruas de viação ordinaria, as quaes quasi todas não têem a grandeza precisa para assentamento da via para caminhos de ferro, e são na totalidade contínuamente embaraçadas por grande numero de transeuntes tanto a pé como a cavallo e em carroagens, assim como por carros de transporte». Simultâneamente, a edilidade deferia o requerimento dos irmãos Francisco e Luciano Cordeiro de Sousa para implantarem *nessas ruas,* dentro da cidade, um «systema de viação e locomoção denominado *viação carril vicinal e urbana»* de que tinham patente de invenção por decreto de 28 de Março de 1879, e que foi, afinal, a base dos «americanos» de Lisboa que, como V. Ex.as sabem, começaram a funcionar em 1873 (vai fazer 80 anos).

Em 17 de Maio o Governo, presidido pelo Duque de Loulé, oferece a Saldanha, *para que sáia imediatamente do reino,* a legação em Roma com o ordenado de 1 ano pago adiantadamente, e... a compra do Larmanjat.

Dois dias depois, em 19, no suplemento ao *Diário do Governo* n.º 111, o Marechal é nomeado presidente do Conselho, ministro da Guerra,

---

([14]) Em sessão de 28 de Abril de 1870.

e interino do Reino; e, logo a seguir ([15]), ministro interino da Justiça, Fazenda, Marinha, Estrangeiros e até das Obras Públicas. Calculo que o Larmanjat descarrilou espectacularmente, apesar de o Duque lhe não ter dado a *voz de alto*... Lisboa estava a braços com uma epidemia de varíola; e a Câmara projectava colocar no Largo do Rossio duas fontes monumentais para fazerem companhia à estátua inaugurada pouco antes ([16]).

Os desastres sucediam-se. Agora, uma carruagem de terceira desarvorou desde o Arco do Cego, pela travessa das Terras, até Arroios onde descarrilou, e embateu contra o portão da casa do senhor de Pancas, esmagando um homem que ali se sentara.

Tudo aquilo trabalhava em tão más condições que, em Novembro, a rua e o largo de Arroios se achavam num estado deplorável, o pavimento arruinado e as longarinas de madeira completamente podres. Em sessão um vereador propõe que se levantasse o carril, intimando o marechal a fazê-lo imediatamente. Este fingiu não ouvir... Mas em 23 de Fevereiro, já de 1871 ([17]), a Câmara resolve levantar aquilo tudo; e como a despesa orçamentada atingia 440 mil réis, quantia elevada, notificou-se o representante do Duque, que era o Visconde de Vila Nova da Rainha, a que depositasse, logo, essa importância. Parece que não se chegou a acordo, pois sòmente em Agosto de 1873 ([18]) (2 anos e tal depois) é que o vereador José Carlos Nunes declarou ter combinado com Eduardo Pinto Basto o pagamento das despesas com o levantamento da linha, ou melhor, dos seus restos mortais. Já vamos ver a que propósito aparece aqui Pinto Basto.

([15]) Decreto de 20, publicado no *Diário do Governo* de 21 de Maio.

([16]) Em 29 de Abril.

([17]) *Archivo Municipal*, 1871.

([18]) *Archivo Municipal*, 1873, sessão de 28 de Agosto.

Por decreto de 11 de Julho de 1871 ([19]), concedeu-se, a Saldanha, autorização para estabelecer o seu Larmanjat na parte da estrada distrital n.º 87, de Lisboa pela ponte de Carenque a Colares e a Mafra, compreendida entre Lisboa e Sintra; e para fazer a ligação, pela estrada de circunvalação, entre esta linha e a do Lumiar. O concessionário ficava obrigado ao transporte gratuito das malas do correio; e o prazo da exploração era, apenas, de sessenta anos.

Outro decreto, de 29 do mesmo mês, publicado no mesmo número do *Diário do Governo,* dá idêntica concessão na parte da estrada real n.º 67, de Lisboa a Cascais, compreendida entre esta vila e Belém, com o mesmo prazo da anterior. O decreto de 18 de Outubro ([20]) concede autorização ao Duque para prolongar o assentamento do carril sobre a parte da estrada real n.º 67, entre Belém e Alcântara.

Em 29 de Novembro do mesmo ano ([21]), foi reconhecida existência legal a uma sociedade anónima inglesa «The Lisbon Steam Tramways C.º Ld.», autorizada pelos seus estatutos a estabelecer agências em países estrangeiros; em Portugal seriam seus representantes, com qualidade de directores, Eduardo Pinto Basto & C.ª, com escritório no Cais do Sodré, n.º 64. Simultâneamente, Saldanha cedera àquela companhia, por escrituras de 21 de Setembro e 21 de Novembro, todas as concessões; e o decreto de 27 de Fevereiro de 1872 autorizou a cessão ([22]). A nova empresa, cujo nome foi oficialmente traduzido para «Companhia lisbonense a vapor por trilhos, limitada», tinha, entre outros, o fim de adquirir concessões para construir, conservar e custear trilhos e ferrovias no reino de Portugal».

([19]) *Diário do Governo* de 12 de Agosto de 1871, n.º 180.

([20]) *Diário do Governo* de 24 de Outubro de 1871.

([21]) *Diário do Governo* de 4 de Dezembro de 1871, n.º 275.

([22]) *Diário do Governo* de 11 de Março de 1872, n.º 56.

O capital era de 200 mil libras, representadas por 20 mil acções, das quais tinha o marechal uma, apenas... ([23]).

Abandonado o troço da Charca às portas de Arroios, activou-se a construção da linha para Sintra, saindo das portas do Rego, e da outra para Torres Vedras, seguimento da do Lumiar.

A de Sintra foi inaugurada em 2 de Julho de 1873. Saíram do Rego dois combóios: o primeiro às 9 e 5 da manhã transportando as autoridades, directores e empreiteiros; um quarto de hora depois, o segundo que levava jornalistas e convidados. Fazia um sol ardentíssimo. Cada combóio compunha-se de máquina e quatro carruagens. A viagem fez-se *menos mal*, sentindo-se trepidação, nalguns pontos bastante violenta; e em todo o percurso notou-se grande oscilação. Mas o que mais incomodou os viajantes foi a poeira que se levantava quando passava o comboio.

Lady Jackson escreveria, dias depois, na obra já citada:

> «Entendemos logo que levar as janellas fechadas era morrermos abafados; porém, como n'este tempo, se alastra uma camada de pó de altura de pelo menos um pé nas margens da estrada, assim que abrimos a janella invadiu-nos a poeira que litteralmente nos cobriu desde a cabeça até aos pés. Descemos a cortina que era de uma franzina gaze, e não melhoramos de situação. Encheram-se-nos as bocas e os olhos d'aquelle saibro irritante, que nos atacava ás ondas com a picante impressão de vidro moído. Toda a gente parecia levar cabelleira polvilhada, ou ter encanecido á ultima hora. E então os solavancos? Nunca os esquecerei... tão desapiedadamente lá fui manteada. Ás vezes iamos sacudidos de encontro ao tecto; e então não só aconche-

---

([23]) *Diário do Governo* de 26 de Dezembro de 1871, n.º 292.

gavamos reciprocamente os joelhos por cauza da estreiteza do vehiculo, mas até os fincavamos uns contra os outros, preferindo isto a sahirmos cheios de contuzões negras e azuladas da pancadaria que levassemos de encontro ás ilhargas do carro. Quando, á chegada, me desencaixotei do Larmanjat, estava moída, esfalfada e empoada da viagem...»

Na estação de Sintra, Vila Estefânia, às 11 horas, via-se tudo embandeirado, subiram ao ar dúzias de foguetes e a charanga de Lanceiros tocou o hino. Dirigiram-se todos à Escola do Conde de Ferreira onde, em quatro grandes mesas, foi servido um suculento banquete fornecido pelo Ferrari. Eram mais de cem os convivas; a cada mesa presidiu um sócio da firma Pinto Basto: à de mais categoria Eduardo, e às outras Teodoro, Frederico e Reinaldo Pinto Basto. Entre os convidados sobressaíam: Margiochi, director de Obras Públicas; o engenheiro D. António de Almeida, filho do diplomata Conde de Lavradio; o engenheiro Lecocq; Eduardo Wanzeller, segundo comandante da Guarda; o presidente da Câmara de Lisboa, conselheiro Mendonça; o Visconde de Ottolini e o encarregado de negócios da Inglaterra. Ao «dessert» (como então se usava chamar à sobremesa) houve a infalível série de brindes: de Francisco Costa, deputado por Sintra, à empresa «pelo grande elemento de progresso que vem trazer á villa»; e outros a El-Rei e à Família Real, ao marechal Saldanha, à Rainha Victoria, à Imprensa, acabando por um, muito especial, às damas de Portugal e da Grã-Bretanha.

As carruagens de primeira classe tinham assentos estofados, vidraças, cortinas azuis e *prateleiras de rêde;* eram *commodas e asseadas;* as de terceira (não havia segunda) eram *simples como os nossos char-à-bancs;* as janelas tinham vidraça e cortinas de tela branca; os assentos, de pau, eram dois no sentido longitudinal, com lugares para 20 passageiros.

Um dos convidados da Imprensa foi Luís de Araújo que, dias depois, publicava ([24]) uma das suas, então, muito apreciadas gazetilhas:

«Para Cintra o Larmanjat — vamos com Deus — vamos lá
é deveras um sucesso — que attesta o nosso progresso.
Aqui d'el-rei grita alguem — Faz imensa poeirada
Toda a terra da estrada — entra p'ra dentro do trem.
Esta queixa realmente — é deveras muito nova
Aconselho a toda a gente — que lá vá que leve escova.
em vez de pôr-se a gritar — com enorme espalhafato
vá escovando o seu fato — que sem pó ha-de chegar.
Outros dizem que a charola — não é má caranguejola.
mas o peor é se chove — que a roda já não se move
porque ella não tem atricto — que o systema é esquisito
que se o rail na roda engancha — por vezes alguns bordos
as duas rodas dos lados — não querem pegar-se à prancha.
Então para a coisa andar — tem-se de areia deitar.
Logo o bello passageiro — gaste mais algum dinheiro
de certo palavra creia — que mata a difficuldade
comprando cá na cidade — uns dois patacos de areia
e vá muito contentinho — areando o seu caminho.
Outros... eu licença peço — acham puxadito o preço
afirmam que caro fica — porque o omnibus pacato
verbo et gratia é mais barato — de Lisboa até Bemfica.
Amigos, se isso assim é — digo-lhes eu ah! ah! ah!
deixem lord Larmanjat — e é andar todos a pé.

....

Viva, viva o Larmanjat — como as torres não é peta
repenica sempre lá — uma famosa sineta.»

([24]) No *Diário de Notícias* de 11 de Julho de 1873, 1.ª página.

É que a máquina não tinha apito, mas sineta que tocava, sobretudo, ao chegar às povoações trazendo à estrada magotes de curiosos.

Abriu-se a linha à exploração no dia 5; teve, no princípio, grande concorrência; aos domingos utilivazam-se do Larmanjat para ir a Sintra umas quinhentas pessoas. Contudo, se chovia, as rodas patinavam nas longarinas; e, se apanhavam uma pedra, era certo o descarrilamento. A humidade empenava os tabuões e a linha tornou-se verdadeira montanha russa.

Em certo dia, o comboio que devia chegar a Sintra às duas e meia da tarde, só lá apareceu depois das nove da noite; tivera nada menos que dois descarrilamentos: no desvio da Porcalhota e um pouco antes da ponte de Carenque. Um dos passageiros teve tempo de ir a Queluz e jantar muito descansadamente no Hotel Union; e ainda esperou na estação por que chegasse o combóio...

Estações: Rego, Sete Rios, Benfica, Porcalhota, Ponte de Carenque, Belas, Queluz, Cacém, Rio de Mouro, Ranholas e Sintra. A viagem directa do Rego a esta vila custava 550 réis em primeira e um cruzado em terceira. Vendiam-se bilhetes de ida e volta a 9 tostões e meio e a 7 tostões, respectivamente. À semana havia quatro combóios em cada sentido, 2 de manhã e 2 à tarde; aos domingos e dias santos só dois, ambos de manhã.

Os cartazes anunciadores ([25]) diziam que os *char-à-bancs*, para levar os passageiros de Lisboa ao Rego, sairiam da Rua das Portas de Santo Antão, n.º 181; e que a empresa pedia aos senhores passageiros: «para evitar qualquer dissabor, não se intrometterem com os viandantes, nem por palavras, nem por gestos...».

O trajecto dos *char-à-bancs* era: Santo Antão; S. José; Santa Marta, passando pelo convento de Santa Joana; Largo do Andaluz, onde vinha

---

([25]) Publicados nos jornais lisboetas, de 4 de Setembro de 1873.

dar a Rua de Vale de Pereiro; Rua de S. Sebastião da Pedreira; Largo do mesmo nome; e estrada do Rego até à barreira, onde era a estação.

Várias pessoas, por causa deste itinerário, confundem o Larmanjat com o, também desaparecido, elevador de S. Sebastião da Pedreira, que só veio a funcionar em 1891, dezóito anos depois. Saía do Largo de S. Domingos, mesmo em frente à porta da *caixa* do Teatro de D. Maria. O seu «systema» era de *tramway-cabo,* como o foram o elevador da Graça e o da Estrela e ainda o são os da Glória, Lavra e Bica. A empresa do Larmanjat intitulava-se «Companhia do Tramway a Vapor» e a do elevador chamava-se «Companhia de Viação Urbana a Vapor».

*

*   *

A inauguração da linha Lisboa-Torres Vedras fez-se em 4 de Setembro do mesmo ano de 1873, e a abertura à exploração em 6.

Antes das 6 da manhã do dia 4, reuniram-se no Rego os directores da empresa, empregados e convidados; esperava-os um combóio de carruagens de primeira; partiram às 6 e 25; e às 10 e 45 *já* estavam em Torres; quatro horas e vinte minutos para percorrerem 45 quilómetros, não se pode dizer que seja muito...

A viagem decorreu sem o menor incidente. Quando o combóio parou na Freixofeira, um abastado lavrador ([26]) ofereceu, a todos, um lanche de fruta, queijo, pão e óptimo vinho, tinto e branco, da sua lavra; antes cedera o terreno para nele se construir a estação, e abrira o poço que forneceria água para as máquinas. Tanto aqui como no Turcifal, estralejaram foguetes sem conta. À chegada a Torres, um pequeno desgosto: por qualquer birra, a Câmara não tinha sido avisada da inauguração e não

([26]) António Martins.

compareceu; contudo, à uma da tarde, na própria estação, comeu-se novo lanche *profusamente servido*.

A exploração da linha começou dois dias depois. As estações intermédias eram: Nova Sintra; Santo Adrião; Loures; Pinheiro de Loures; Lousa; Venda do Pinheiro; Malveira; Vila Franca do Rosário; Barras; Freixofeira e Turcifal. De Lisboa a Torres custava 9 tostões em primeira e 7 em terceira; e havia sòmente um combóio em cada sentido.

Vivia-se, então, em Lisboa, numa verdadeira loucura de pedidos de concessões para linhas de *americanos;* basta dizer que o vereador Elias Garcia deu parecer sobre 14 desses requerimentos... um dos quais era de E. Pinto Basto & C.ª para um ramal do Salitre a S. Sebastião da Pedreira; está-se mesmo a ver... ([27]).

Havia para todos os gostos: um, contentava-se com ir das Duas Igrejas ao Teatro de S. Carlos pela Rua do Outeiro; outro, o mais notável, pretendia sair do Camões, meter ao Loreto, Rua Formosa, Rua do Arco, Rua da Cruz e Rua da Peixeira ao Largo das Cortes, *atravessando por este largo por uma ponte pensil*... Inesgotável fantasia humana... até em transportes urbanos!

Mas o requerente viu a sua pretensão deferida em sessão camarária de 8 de Junho de 1874 ([28]); é que a edilidade concedia linhas a toda a gente pelo terror ao monopólio, que se classificava de «materia eminentemente reaccionaria».

Em fins desse ano, a empresa pensava construir a tal linha do Salitre a S. Sebastião; propunha-se aumentar o material circulante, aperfeiçoar as máquinas, melhorar, enfim, o serviço. Os tabuões foram retirados a fim de (dizia) «augmentar o atricto das rodas sobre o mac-adam, evi-

---

([27]) O requerimento foi apresentado em sessão camarária de 27 de Novembro de 1873.

([28]) *Archivo Municipal*, 1874.

tando escorregarem nas rampas»; e como a poeirada ia em aumento, foram adquiridas máquinas para regarem as estradas... A empresa informava que «assim se sahirá do estado de atonía em que o Larmanjat pareceu jazer durante muito tempo».

Não sei se foi em resultado destes melhoramentos que, ao terminar quase o ano, se deu um desastre maior que os outros, no Papel, às três da tarde: o choque entre o combóio e uma carroça; o pessoal daquele abandonou o seu posto e fugiu ([29]).

Depois de uns escassos quatro anos de serviço, o Larmanjat acabou inglòriamente. Pinho Leal escreveria ([30]):

> «Foi uma triste especulação do marechal Saldanha; os descarrilamentos eram tão continuos, e tantos os tombos, que os viajantes preferiam, com razão, as *diligencias,* e a companhia, não tendo passageiros, perdeu muito dinheiro e faliu.»

Tenho dito.

([29]) Do dia 2 de Novembro; houve mortos e feridos.

([30]) Em *Portugal Antigo e Moderno,* Torres Vedras.

O Dr. Santos Rocha e a Arqueologia Portuguesa

por

Joaquim Fontes

O Dr. Santos Rocha e a Arqueologia Portuguesa *

NO dia 30 de Abril de 1853 nasceu em Figueira da Foz um homem, ilustre pelo seu saber, que foi um dos nossos maiores arqueólogos. Refiro-me ao Dr. António dos Santos Rocha, autor de muitos e valiosos trabalhos sobre pré e proto-história, trabalhos que lhe mereceram o ter sido sócio honorário desta velha Associação. Foi-lhe concedida a honraria em 1895.

Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra e, após a terminação do seu curso, veio para Lisboa exercer a sua profissão. Em breve regressava à sua terra natal, onde advogou com brilho e onde a política o levou a exercer o cargo de Presidente da Câmara daquela cidade.

Os estudos arqueológicos sobrelevaram, em determinada altura, os dos problemas jurídicos e série memorável de trabalhos sobre aquele ramo da ciência saiu da sua pena. O rico espólio recolhido em múltiplas pesquisas, levaram-no a criar o Museu Arqueológico Municipal, que enriquece gran-

* Trabalho lido em assembleia geral extraordinária de 11 de Junho de 1953.

demente a Figueira. Nele existem exemplares magníficos e alguns únicos no nosso País. Os seus estudos sobre a idade do ferro deram-lhe celebridade.

A cidade da Figueira da Foz quis pagar dívida em aberto a este ilustre investigador do passado, erguendo-lhe monumento numa das suas praças e promovendo série de conferências sobre a sua obra.

A Associação dos Arqueólogos Portugueses não podia esquecer este seu sócio de honra. Pena é que a sua memória não tenha encontrado pessoa mais idónea para enaltecer a sua obra.

Chamei-lhe ilustre investigador do passado e não exagero.

Serviços inesquecíveis lhe ficámos devendo. A sua actuação, nos estudos em que foi mestre, é digna da melhor nota.

Para maior realce da sua obra é justo enquadrá-la no que então se passava no nosso País, sob este aspecto, e tentar prescrutar as razões que o levaram ao estudo da pré-história.

Santos Rocha nasceu vinte e sete anos depois da realização da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, que se realizou em Lisboa, em 1880.

Teve essa importante reunião científica o maior relevo dentro e fora do País. Vieram a Lisboa os mais notáveis arqueólogos de todo o Mundo, como Gabriel de Mortillet, Quatrefages, Cartailhac, Virchow, Pigorini, Cazalis Fondouce, etc., etc., chamados pelos magníficos trabalhos que uma pleiade de sábios portugueses havia feito.

A influência que essa reunião científica exerceu no meio foi de tal maneira incisiva que ainda a senti no início da minha carreira de investigador. Lembro-me até, por exemplo, do desejo que o meu mestre Obermaier tinha em possuir as actas desse Congresso, quase que só preenchidas com trabalhos nacionais. A publicação havia-se tornado extremamente rara.

E para que se não diga que exagero, relembro o facto de Cartailhac voltar pouco tempo depois de 80 para estudar as colecções pré-históricas

da Península Ibérica, onde as do nosso País tinham valor indiscutível. O facto mostra o apreço em que eram tidas. E note-se que em França, havia núcleo importante de sábios arqueólogos cujos trabalhos eram conhecidos e apreciados em todo o Mundo culto, tidos como basilares no conhecimento da pré-história europeia.

Apesar disso Cartailhac veio até nós e dos estudos deste investigador resultou o livro ainda hoje indispensável a quem se ocupe destes assuntos. *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* é obra clássica e de indispensável consulta.

Vale a pena fazer relato sucinto das razões que motivaram esse Congresso e do relevo que teve; caso que não é vulgar entre nós.

Devemo-lo a Carlos Ribeiro. Ele, Filipe Folque, Pereira da Costa e Isidoro Emílio Baptista organizaram o primeiro *Serviço de Minas,* integrado no *Ministério das Obras Públicas,* que pouco antes havia sido criado (1852).

Esta repartição do Estado ficou na dependência dos *Serviços Geodésicos,* presidido por Folque, que, com nítida percepção do problema, lhe deu plena autonomia científica e a possibilidade de livre escolha dos seus investigadores. O serviço em questão ficou entregue a Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, visto Isidoro Baptista ter ido preleccionar para Coimbra. O primeiro havia estudado geologia na *Academia Politécnica do Porto,* o segundo era professor de mineralogia e geologia da *Escola Politécnica de Lisboa;* ambos possuíam forte cultura naturalística. Mais tarde, e depois de várias vicissitudes que não vale a pena referir neste momento, entrou para o *Serviço Geológico,* como então então se passou a chamar a este organismo, outro homem com quem o Dr. Santos Rocha teve relações de intimidade. Refiro-me a Nery Delgado. Depois mais vieram que nem geólogos foram, mas que trabalharam afincadamente e com o maior brilho, como Paula e Oliveira e tantos outros.

Foi precisamente essa possibilidade de escolha de colaboradores que permitiu a soma de trabalhos notabilíssimos que aquele estabelecimento

realizou. A questão apaixonante da existência do Homem terciário, o conhecimento da fauna quaternária encontrada nas grutas da Furninha, Cesareda e Fontainhas, os instrumentos paleolíticos ali achados, o mistério e o imprevisto desses Kjoekkenmoèddinger de Muge, cemitério e lugar de habitação de homens que viveram no vale do Tejo em épocas muito recuadas, como disse Pereira da Costa, o rico espólio neolítico de algumas dessas cavernas e o recheio dos dólmens de Monte Abraão e das grutas de Palmela, etc., eram motivo suficiente para que o Congresso de 80 fosse bem recebido por todos os estrangeiros que se ocupavam da arqueologia pré-histórica.

A par de todo este intenso labor do *Serviço Geológico,* no norte do País, um homem inteligente e rico — Martins Sarmento — desenterrava dos entulhos seculares as citanias de Sabroso e Briteiros.

Os sábios que de longe vieram, puderam constatar a novidade de alguns de esses descobrimentos e o rigor usado pelos nossos compatriotas nas suas pesquisas.

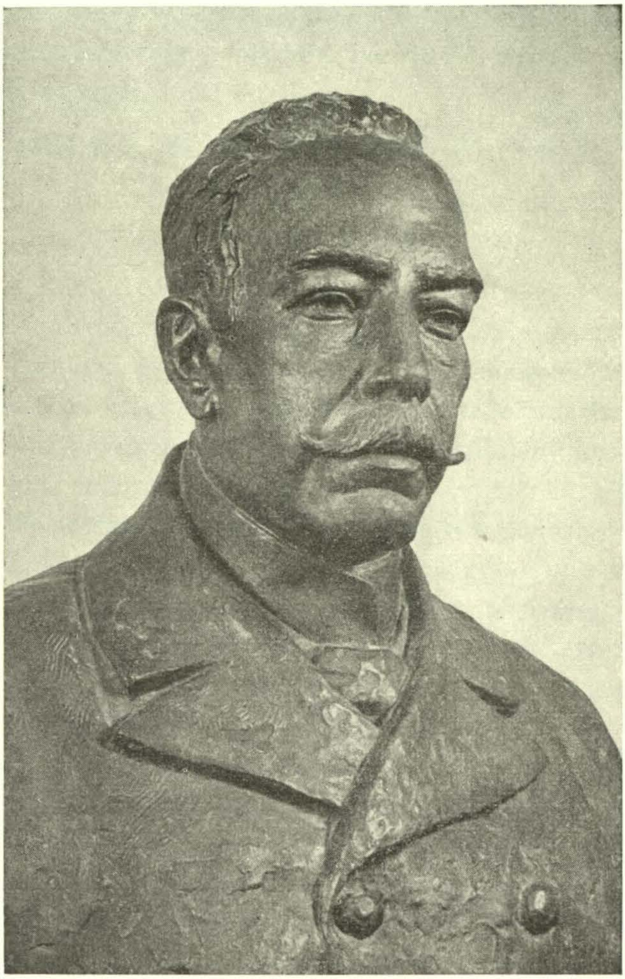
Ora durante o tempo em que Santos Rocha formou a sua personalidade, a impressão que causara o Congresso de 80 no meio científico português era manifesta, e o próprio povo não lhe ficara indiferente.

Posso garantir a asserção.

A primeira vez que estive em Muge ainda encontrei homens que falavam das magníficas explorações feitas nos *kjoekkenmoeddinger* dessa localidade e numa visita que fiz, também há muitos anos, à gruta da Furninha, uma mulher velha garantiu que nas escavações ali feitas, por Nery Delgado, se haviam encontrado garfos com cabo de ouro e até de marfim!

A lenda iniciara-se; sinal de que as pesquisas realizadas nesta caverna tinham tido retumbância nas camadas populares da região.

O magnífico *Museu dos Serviços Geológicos,* como actualmente se chama o velho estabelecimento criado por Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, aí está a atestar o alto valor dos naturalistas que por ali passaram.



Dr. António dos Santos Rocha
Busto feito pelo escultor Raul Xavier

Publicação devida a amável autorização do Museu Municipal do Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz

A *Galeria de Antropologia* (como se designa a ala onde está a secção da pré-história) pode competir com os bons museus do Mundo. A importância das colecções expostas é enorme; torna-se indispensável conhecê-las para poder resolver muitos dos problemas que dizem respeito à pré-história do ocidente da Europa.

*

* *

Uma outra virtude teve o Congresso de 80. Fez despertar a vontade aos poderes públicos de actuarem, mais intensamente, nestes sentido. Por isso, Estácio da Veiga foi subsidiado pelo Estado para fazer pesquisas deste género na província do Algarve. Os resultados desses trabalhos foram publicados entre 1880 e 1891.

Adquirindo objectos arqueológicos e com o espólio obtido nas suas escavações, conseguiu reunir grande e rica colecção. Foi esse núcleo que deu possibilidade à criação do *Museu Etnológico de Belém*, núcleo a que a paciência beneditina de Leite de Vasconcelos juntou, por compra por parte do Estado, a que pertencera àquele investigador. Avolumou-o com a que lhe era própria.

O papel de Estácio da Veiga foi muito apreciável. Alguns dos seus descobrimentos são particularmente notáveis, como serve de exemplo o da necrópole de Alcalar, mas a sua preparação científica era insuficiente, como se nota quando se percorrem as páginas das suas *Antiguidades Monumentais do Algarve*.

Leite de Vasconcelos, que privou com Estácio da Veiga, que o visitou na sua casa de campo, diz-nos que «guardavam-se em taboleiros e estantes, ao lado de conchas e herbários, algumas das muitas preciosidades arqueológicas que... com extremo zelo desenterrara do solo algarvio», e tem razão o falecido director do *Museu Etnológico* quando diz que aquele

arqueólogo «não dispunha de espírito crítico em muito elevado grau nem conhecimentos profundos que o habilitassem a tratar com firmeza as questões etnológicas que pretendeu tratar».

No entanto a província do Algarve, graças à sua actuação, revelou riqueza arqueológica bem apreciável.

Leite de Vasconcelos foi outro cientista que exerceu notabilíssima influência sobre o meio português e teve relações científicas e pessoais com o nosso homenageado.

É complexa a personalidade deste sábio investigador.

Foi arqueólogo, etnólogo, numismata e filólogo. Criou, como disse, o *Museu Etnológico,* que tem hoje o seu nome. Enriqueceu-o constantemente com o que conseguia por dádiva ou compra e com o espólio das escavações que ele e os seus colaboradores fizeram. Exerceu no nosso meio acção didáctica indiscutível. A revista *O Arqueólogo Português,* na qual Santos Rocha colaborou, é uma das tribunas donde ensinou as mais elementares noções de arqueologia.

A par desses artigos de mera divulgação científica, que apareceram nos primeiros anos em que iniciara esta publicação, muitíssimos outros se lhe devem, relatando os resultados das suas numerosas pesquisas.

A sua monumental obra *Religiões da Lusitânia,* autêntica o extraordinário saber deste homem; a sua pasmosa erudição. Porém Leite de Vasconcelos, que tinha o curso de medicina, não era um naturalista. Como tive ocasião de dizer na sessão de homenagem que lhe foi prestada nesta casa, mostrou «sempre maior predilecção para as investigações literárias. Dotado dum grande poder de observação supre com ele, em grande parte, a sua talvez deficiente preparação em ciências naturais».

A sua obra arqueológica tem mais sabor etnográfico (permita-se-me a expressão); o que não quer dizer que não lhe reconheça o mais elevado mérito. Fui seu discípulo e muito lhe devo. Não se creia ver na crítica desdouro para a sua alta personalidade.

Por seu turno o grupo que publicava a revista *Portugália,* no Porto,

continuava o esforço meritório que um grupo de rapazes iniciara criando a *Sociedade de Carlos Ribeiro*. O órgão da colectividade, chamava-se *Revista de Ciências Naturais e Sociais*. Manteve-se activa entre 1887 e 1898. Nela colaborou também Santos Rocha.

A escolha do seu patrono — Carlos Ribeiro — indica a orientação que esse grupo de jovens lhe incutira.

O exemplo notabilíssimo da velha *Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tivera eco na mente desses estudantes, que então eram. A *Portugália* foi a sua brilhante continuadora; «enraíza nessa fase embrionária já remota» como afirmou Rocha Peixoto, um dos mais brilhantes e activos dirigentes desta revista.

O lugar de destaque que conquistou nos meios científicos foi bem merecido. A sua suspensão foi grave perda para a cultura nacional. Muito lhe ficou devendo a arqueologia e a etnografia.

*

* *

A resenha feita veio mostrar as condições em que se criou e desenvolveu a obra de Santos Rocha. Vejamos o modo como ele reagiu a orientações tão diversas.

Deixando de lado a de Estácio da Veiga, sem influência sobre ela, a não ser no interesse que lhe despertou a riqueza arqueológica do Algarve, é mister olhá-la por entre a que nasceu no *Serviço Geológico*, que o grupo da *Portugália* continuou, e a que tinha como mentor Leite de Vasconcelos.

A questão merece exame detalhado, tanto mais que a diferença de orientação entre o *Arqueólogo Português* e a *Portugália*, que cavavam na mesma vinha, como costume dizer-se, acabou num conflito, que as páginas das duas publicações registam e tornou inimigas pessoas a quem o País muito ficou devendo. Ora Santos Rocha passou a tormenta sem se

deixar levar a reboque. A sua forte personadidade permitiu-lhe colaborar em ambas as revistas; certamente porque as suas qualidades pessoais de atracção e a sua alta competência científica lhe deram uma independência que todos respeitaram.

Rocha Peixoto julgou-o «figura eminente da ciência portuguesa» que explorava «com uma individuação sem precedentes a bacia do Mondego e outras regiões da Beira Alta e da Estremadura, investigando periòdicamente no Algarve, criando, mobilando e conservando a prestante e notável instituição que já o é *Museu Municipal da Figueira,* congregando nessa Sociedade todas as aptidões indecisas da cidade em que habita»; e «publicando à sua custa... as suas obras». Alves Pereira, por seu lado, dizia, no *Arqueólogo Português,* de que Leite de Vasconcelos era director, que Santos Rocha era «figura culminante das ciências arqueológicas em Portugal e sê-lo-ia em qualquer país». Assim o classificavam de um e de outro lado.

A obra deste investigador indica-nos claramente que, apesar do seu autor ser advogado, era orientada por um espírito com preocupações de naturalista. Serviu-lhe mais de guia a corrente científica que escolhera a *Revista da Sociedade de Carlos Ribeiro.*

Henrique de Vilhena já frisou esta faceta do seu espírito, quando nos diz que «era num meio, o da sua cidade natal, em que não podia encontrar quer de incentivo pessoal, quer de organização pedagógica ou científica, nada, pelo menos aparentemente, que o inspirasse; e, também que o alimentasse de ânimo, coragem e energia» no sentido que frisei. Mas o facto explica-se.

Santos Rocha, assim continua a afirmar este seu ilustre biógrafo, era um campesino; «isto lhe estava na essencialidade mais forte do seu ser». Informa-nos mais que tinha a paixão pelas coisas agrícolas. Descreve-o em Fontela, nos amanhos da terra, «sachando, regando, podando, plantando e limpando árvores e alinhando ruas e canteiros, numa faina verdadeira e directa».

A par disso e no mesmo local, examinava a incipiente colecção que começava a organizar, núcleo do Museu com que enriqueceu a sua terra.

A preocupação de agricultor, e consequentemente o desenvolvimento da argúcia que é necessário para exame do estado da terra, e maneira como as culturas reagem aos amanhos e condições mesológicas, permitiu-lhe achados arqueológicos. Foi, em tarefas agrícolas, que pôde localizar uma estação pré-histórica, visto que alguns utensílios haviam vindo com terra que tinha mandado trazer doutro lugar.

A nótula, na sua simplicidade, é demonstrativa do modo como Santos Rocha havia de orientar a sua brilhante carreira de arqueólogo.

Outra há a considerar.

O acaso pôs-lhe no caminho Nery Delgado, no tempo em que foi presidente da Câmara da Figueira, e o citado geólogo encarregado das explorações necessárias ao abastecimento de água desta cidade. Estabeleceu-se então grande camaradagem entre estes dois homens.

O prestígio de Nery Delgado levou Santos Rocha a propô-lo sócio honorário da sua *Sociedade Arqueológica.* Aquele presidiu à primeira sessão realizada depois da *Portugália* não poder continuar a manter a hospedagem que dava às comunicações que ali se faziam.

O estudo das camadas do terreno para captação de água no sentido apontado contribuiu certamente para aumentar a sua propensão de naturalista. Via a necessidade de aplicação de método semelhante nas buscas arqueológicas.

Outro amigo o induziu a caminhar no mesmo sentido. Refiro-me a Adolfo Loureiro, engenheiro silvicultor que dirigia ao tempo a *2.ª Circunscrição Hidráulica (Serviço hidrográfico da bacia do Mondego).* E Loureiro, que também cultivou a arqueologia, não deixaria de fazer notar a vantagem de olhar a pré-história como ramo das ciências naturais. Isto é, o acaso proporcionou-lhe razões que lhe foram fortalecendo esta faceta do seu espírito. E quando as suas pesquisas, já numerosas, o levaram a publicar a obra intitulada *Antiguidades Pré-Históricas do Concelho*

da Figueira, três nomes apareceram no respectivo prólogo. São eles os de Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Augusto Filipe Simões. Este último havia escrito, em 1878, um livro intitulado *Introdução à Arqueologia Ibérica;* cuja documentação assentava, em especial, sobre os trabalhos da pré-história da velha *Comissão dos Serviços Geológicos.*

Depois esta tendência do seu espírito é já manifesta no seu livro *Cartas de Andaluzia,* escrito quando ainda se não tinha dedicado à principal tarefa da sua vida. Trata-se de uma obra, essencialmente literária. Poderia ter-se limitado a escrever simples livro de viagem, como foi gosto da época, e enchê-lo como fez, com relato dos sucessos históricos que ali se deram e com a impressão estética que lhe despertaram as obras de arte existentes nesta rica região espanhola. Foi mais longe e procurou, cada vez que pôde, achar explicação para determinados factos, criticá-los e patentear as dúvidas que permaneciam no seu espírito. Uma transcrição prova a afirmativa: «A circunstância de estar cingida (esta província do país vizinho) ao longo do litoral do Mediterrâneo por elevada cadeia de montanhas, que parecem formar com aquelas serras um grande vale aberto para o lado do sudoeste; o número considerável de correntes de águas que, derivando das correntes interiores, se espalham em todas as direcções e vão, na maior parte, juntar-se ao Guadalquivir; as extensas planícies que estas correntes atravessam; a sua pequena altura acima do nível do mar; a vizinhança da velha Líbia, que apenas dista de Gibraltar alguns minutos; a continuidade do Mediterrâneo, «a grande via, como diz Renan, onde se cruzaram todas as civilizações e todas as ideias», e, finalmente, as dimensões e configuração das suas costas, que se prestam a fáceis comunicações com o resto do Mundo; tudo isto parece indicar-lhe que está aí um dos mais belos e férteis países da Europa, e quiçá um dos mais interessantes sob o ponto de vista da história e das tradições.»

Mas esta concisão de raciocínio, este desejo de saber o porquê das coisas não o inibia de se deslumbrar perante Alhambra, de descrever a forte emoção recebida no Pátio dos Leões ou no Generalife.

Os seus trabalhos arqueológicos têm todos esta feição que se acentua à medida que vai firmando a sua forte personalidade de investigador distinto.

E para que se não diga que não apresento provas, relembro a sua magnífica comunicação à *Sociedade Arqueológica da Figueira* sobre a caverna dos *Alqueves*. Cito esta, mas podia apresentar outras, todas podiam servir de exemplo.

A certeza adquirida na primeira prospecção, de que a caverna fora habitada, deveu-a ao encontro de ossos humanos à superfície do terreno. O seu exame garantiu-lhe, contudo, que «haviam sofrido fortes fricções no entulho e tinham chegado à camada superficial em consequência dum remechimento prolongado».

Teria sido algum buscador de tesouros que, vandàlicamente, houvera feito escavações ali, pecha que tantas vezes precede o alvião do arqueólogo? Ora a gruta havia sido utilizada por texugos em cujo enchimento abriram covis. As alterações das camadas deviam-se a estes animais, por isso diz que «nenhum remeximento devido à mão do homem foi por nós notado; mas pareceu-nos manifesto, pelo estado em que encontrámos certos depósitos fora do alcance do referido covil (feito pelo animal que deslocou da sua jazida os ossos primeiramente encontrados), que não fora esta a única obra dos texugos. Outros covis tinham sido abertos por estes animais em tempos mais remotos, alterando parte dos depósitos e fazendo deslocar e disseminar fragmentos de ossos e de outros objectos. Se o homem tivesse escavado aquele sítio, o entulho superficial não estaria tão dividido, as faltas que notámos dos depósitos não seriam limitadas a certas porções, ficando as restantes intactas. Este último facto é sem dúvida o resultado de trabalho dum animal que só deslocou o que achava na sua passagem, isto é, no espaço preciso para o seu pequeno túnel».

A transcrição revela o cuidado com que Santos Rocha fazia os seus trabalhos, a minúcia das suas observações, como dum naturalista consumado. Anotando o que observava, não só verificou os estragos produzidos

por este animal nas camadas arqueológicas, mas também colheu pormenores sobre o modo como alguns dos nossos antepassados fizeram ali os seus enterramentos; e rico foi o espólio em esqueletos humanos, que o *Museu da Figueira* guarda.

*

* *

Quando se realizou o Congresso de 80, em Lisboa, a sua Comissão organizadora tivera o cuidado na escolha de excursões a fazer; só incluindo no respectivo programa aquelas estações arqueológicas de valor incontestável.

Entre elas estavam as de Sabroso e a Citania de Briteiros.

O exame dessas ruínas maravilhou os congressistas, como já disse; foi uma verdadeira revelação. Eram grandes povoações cercadas por várias ordens de muralhas, com suas ruas e praças, ladeadas de casas de habitação e cortelhos, aquelas arredondadas e algumas com as ombreiras das portas ricamente ornamentadas.

A impressão que estas visitas causaram, nos sábios visitantes, foi enorme e o nome de Martins Sarmento justamente glorificado.

Depois tanto o espólio encontrado com a referida ornamentação do lancil dalgumas dessas casas e a que cobria literalmente a chamada *Pedra Formosa* eram inesperados.

Martins Sarmento havia feito descobrimento notabilíssimo. Bastava este para que a ciência lhe ficasse agradecida. Mas o arqueólogo de Guimarães foi mais longe; fez muitas outras pesquisas e até adquiriu alguns monumentos para os salvar de ruína certa. O justo prestígio que gozava nos meios arqueológicos internacionais e no País justificava a criação da sociedade científica que tem o seu nome, em homenagem ao seu ilustre patrono.

Nela viu «a continuadora da sua obra, e talvez por este motivo consentisse na denominação que lhe deram; e por isso também, é de crer, foi-a fazendo durante a vida depositária de parte das suas preciosidades», como diz Alberto Sampaio, e isto porque, conforme as palavras do mesmo informador, «os homens passam, as entidades ficam; naturalmente esta ponderação aconselhou-a a escolher para legatários dos seus instrumentos de trabalho: a Câmara Municipal de Guimarães a sua propriedade, e na administração a Sociedade que usara sempre honradamente o seu apelido, fornecendo-lhe os meios que a sua fortuna permitia».

A Biblioteca desta instituição é riquíssima e o seu Museu um dos mais notáveis do País, mercê da benemerente visão deste investigador e do trabalho profícuo dos seus ilustres continuadores.

Exemplo tão nobre teve similar na terra natal de Santos Rocha.

Refiro-me à *Sociedade Arqueológica* que ali criou e ao *Museu Municipal* que se lhe deve. Como Martins Sarmento, este arqueólogo pensou que organizando aquela, daria continuidade à sua obra. Ao mesmo tempo o facto permitia-lhe aproveitar inteligências e boas vontades, que andavam dispersas.

Em 15 de Dezembro de 1894 a *Gazeta da Figueira* relatava a sua organização com a denominação de *Sociedade Arqueológica da Figueira*.

Foram seus fundadores, além de Santos Rocha, Francisco Loureiro, Frederico Nogueira de Carvalho, Pedro Fernandes Tomás, João dos Santos Pereira Jardim, José Maria Luís de Almeida, Augusto Goltz de Carvalho, António Gonçalves, António Álvaro Duarte Silva e Sotero Simões de Oliveira.

É justo rememorar no momento em que se comemora o centenário do nascimento deste homem, o nome daqueles que lhe deram amparo moral e material na execução da sua tarefa.

Nos seus estatutos, reduzidos a sete artigos e raros parágrafos, se dizia a lei que a regia e os fins a que era destinada. Estes eram, evidentemente, o estudo «dos vários ramos das ciências arqueológicas... e em

especial, a auxiliar o desenvolvimento do *Museu Nacional da Figueira»*, que Santos Rocha iniciara com a dádiva da sua colecção.

Para se ser sócio exigia-se interesse pelo assunto. A única peia para a respectiva admissão era a que a lei exige aos menores: a autorização paterna.

Mais tarde, na sessão de 25 de Outubro de 1903, e sob proposta do seu presidente, que era ao tempo José Luís Ferreira Freire, mudou de nome. Passou a chamar-se *Sociedade Arqueológica de Santos Rocha.*

Os serviços que este arqueólogo prestou justificavam plenamente a homenagem que lhe quiseram fazer os seus consócios.

Vê-se que o exemplo de Martins Sarmento, a bem da arqueologia nacional, fora seguido a bem do País e a bem da Figueira da Foz.

É ainda para admirar como estes dois homens, notáveis pelos conhecimentos que possuíam em ramo da ciência puramente especulativa, hajam conseguido ter a ajuda de pessoas que na sua maioria não eram nem foram arqueólogos.

No caso de Santos Rocha, o único de que me compete falar agora, o facto é evidente. Ao percorrer as páginas da revista *Portugália* e do *Boletim da Sociedade Arqueológica,* nota-se que, se ele foi o principal colaborador, não foi o único, porquanto além de Francisco Loureiro e Fernandes Tomás, ambos com justo renome científico, muitos outros fizeram pesquisas ou acompanharam aquele nas suas investigações.

Os trabalhos de Goltz de Carvalho, Belchior da Cruz, Wittnish Carrisso, etc., aí estão a autenticar as excelentes qualidades pedagógicas de Santos Rocha; o entusiasmo que sabia incutir aos que com ele conviviam.

A sua revista ia-se impondo; o número de trocas bibliográficas aumentava de dia a dia e alguns artigos de arqueólogos estrangeiros ali tiveram guarida.

A única interrupção que houve na convocação das sessões deveu-se ao facto dos trabalhos de campo, realizados em Santa Olaia, terem absorvido as atenções de Santos Rocha durante largo espaço de tempo.

*

* *

A colecção deste arqueólogo foi o núcleo do *Museu Municipal da Figueira*. Esta esplêndida instituição é motivo de orgulho para esta terra. O prestígio de Santos Rocha e o patriotismo figueirense permitiram que a Câmara Municipal albergasse e mantenha este magnífico instrumento de trabalho que o Prof. Vítor Guerra conserva e enriquece com tanto carinho e competência.

É exemplo nobilíssimo essa continuidade, num país onde tantos museus locais duram o tempo da actividade do seu organizador.

Chamei-lhe magnífico instrumento de trabalho porque as suas secções de arqueologia pré-histórica, proto-histórica, luso-romana e comparativa contêm exemplares magníficos. Basta o espólio de Santa Olaia para lhe dar renome invulgar.

Foi inaugurado em 6 de Maio de 1894. Instalou-o Santos Rocha à sua custa. O respectivo catálogo, de sua autoria, foi publicado em 1905.

Obra meritória foi essa. Evitou o perigo que as colecções correm quando o respectivo inventário não existe.

*

* *

As publicações devidas à sua pena são numerosas e muitas têm o maior mérito científico. Admira como este homem, isolado nesta cidade, vai aperfeiçoando a sua obra por auto-didatismo.

Alves Pereira, que com Santos Rocha era formado em Direito e que como ele foi um grande arqueólogo, sintetiza, de maneira perfeita, a carreira científica desse sábio.

Disse o falecido conservador do *Museu Etnológico* que «*As Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira* foram uma espécie de tirocínio científico de Santos Rocha. Desde 1895 a 1900, período de 15 anos em que publicou os quatro volumes daquela obra, formou ele, na pesquisa sagaz dos jazigos e na consulta subsequente dos tratadistas, o seu espírito aliás já dotado de notáveis qualidades de intuição arqueológica. É curioso observar que foi depois de findo este curso, que Rocha se voltou para Santa Olaia. Formara-se na melhor Escola — o auto-didatismo — que tanto levantou a ciência portuguesa».

Na verdade Santos Rocha limita-se ao estudo sucinto dos objectos recolhidos no início da sua carreira; era uma análise metódica, mas simples análise. Mais tarde tem então possibilidade de publicar trabalhos de síntese, porque o seu saber era perfeito e estava ao par da bibliografia moderna.

Pela primeira vez objectiva esta possibilidade no relatório de gerência de 1900-1901, apresentado à sua *Sociedade*.

A riqueza arqueológica do Algarve, a cujo estudo Estácio da Veiga dera o melhor do seu esforço, atrai-o. Com Pereira Jardim vai àquela província. Diz então que «dois eram os principais fins da nossa missão: procurar e estudar alguns monumentos neolíticos recolhendo materiais para a etnografia comparada dos povos que nessa época habitavam o vale do Mondego e o litoral algarvio; e procurar também vestígios autênticos das primeiras idades do metal, ainda muito mal estudados no nosso País... O campo das nossas investigações foi fixado entre Lagos e Portimão, na bela região que se estende desde a serra do Monchique até ao mar. Ali, tínhamos reunidas, pelo menos, a celebrada caverna da serra do Algarve, as necrópoles neolíticas e cuprolíticas de Alcalar, e as de bronze de Donalda, anunciadas por Estácio da Veiga».

A questão da idade do cobre, em que então se acreditava, mereceu-lhe particular cuidado.

Reuniu os elementos coligidos numa monografia intitulada *Materiais*

para o Estudo da Idade do Cobre em Portugal. Os vestígios do eneolítico ou do bronze I, que classificou segundo o saber da época, têm a maior importância.

Sob este aspecto Santos Rocha e Leite de Vasconcelos foram percursores no estudo deste estadio da evolução humana entre nós.

*

* *

A sua melhor obra é a que diz respeito à idade do ferro. Martins Sarmento e ele foram os patriarcas na matéria. Santa Olaia e o Crasto de Tavarede são as suas coroas de glória, como investigador.

O entusiasmo que o abrasou nessas escavações sintetiza-o de maneira perfeita no relatório anual lido na sessão plenária de 12 de Outubro de 1902, na *Sociedade Arqueológica.* Presidia Nery Delgado.

Seja-me permitido transpor para aqui as palavras que então proferiu. São elas de tal maneira eloquentes, tão sentidas que me atrevo a tal: «Relata os trabalhos pertinazes e fatigantes, escavando a terra, e arrancando do seu seio, um a um, esses pedaços de pedra, osso ou barro que formam o grande livro da nossa história local; todos esses pobríssimos cacos, que o vulgo olharia com desdém, donde surgiu a maravilhosa série de vasos da nossa secção da proto-história!

É por ele que Santa Olaia se ergue hoje, como um grande foco de luz, iluminando os obscuros horizontes do nosso passado.»

O trabalho absorveu-o e cansou-o. «Tão rude foi a faina das escavações e das operações que se lhes seguiram no gabinete, tais como a lavagem de alguns metros cúbicos de cerâmica fragmentada, selecção de fragmentos, restauração de vasos, limpeza de numerosos objectos metálicos, etc., que no fim de dez anos nos sentimos extenuados, com absoluta

necessidade de suspender os trabalhos. Em compensação deixámos a descoberto os envasamentos de dez casas, sendo seis pertencentes ao primeiro povoado inferior, e quatro ao imediato, restaurados muitos exemplares de preciosos vasos, alguns de grandes dimensões e coligido um mobiliário variado de barro, pedra, bronze, cobre, ferro e vidro, que foi enriquecer a sala da proto-história do nosso Museu.»

Ao reler agora a monografia que escreveu sobre Santa Olaia e Crasto, mais uma vez admirei a meticulosidade que empregou nessas explorações e no estudo do material recolhido.

Longos anos durou esse trabalho mas a perfeição com que foi feito é inexcedível.

Notou a sobreposição dos vários povoados que ali existiram pelos tempos fora e o exame feito permitiu-lhe cronologia rigorosa. Depois entrou no exame pormenorizado das casas que descobriu e verificou, com segurança, que acima das paredes postas a nu se erguiam muros de adobo, para lhes aumentar a altura. Colheu pormenores sobre a maneira como os íncolas, destes lugares da idade do ferro, cobriam essas habitações: tecto de canas à laia de fasquiado para aderência de barro amassado. Observação cuidadosa levou-o a afirmar que a porta dessas habitações ficava bem alta, acima da parede de pedra que servia de base à de adobo. Notou pormenores que lhe permitiram afirmar a existência de alpendre a preceder a entrada. Registou factos que o levaram a descrever-nos a forma da fornalha e a sua colocação a dentro dessas casas. Explicou o arremedo da cozedura que a massa de barro, a fazer de telhado, havia sofrido em determinado ponto. A fuga do fumo e do ar aquecido, por essa espécie de chaminé, originou-a.

O exame geral destes povoados levou-o a ver como eles estavam preparados para a defesa e a registar-lhe fossos e muralhas.

Depois, encontrou no interior dessas casas e nos entulhos que as envolviam, utensílios de ferro, bronze, cobre, chumbo, vidro e pedra que lhe mereceram estudo cuidadoso.

A recolha de restos de vasos de barro, que esses nossos remotos avoengos usaram, pôs-lhe à prova a argúcia e a paciência. Conseguiu reconstituir muitos, depois de despendido enorme esforço.

Valeu a pena fazê-lo; a cerâmica pintada de Santa Olaia tem o maior valor científico.

Para Santos Rocha, parte desse vasilhame, foi fabricado na região, outro é importado.

Afirmei o interesse daquele que foi pintado, e Santos Rocha supunha-lhe remota origem, vinda de modelos criados em oficinas existentes em regiões do Mediterrâneo Oriental. Para ele, Cartago, mais ao pé de nós, foi o foco donde proveio essa cerâmica. Tratava-se dum local subsidiário, visto, como disse, lhe supor origem naquelas civilizações que brilharam nessas terras mais longínquas.

Grande soma de argumentos aduziu no intento de provar a sua tese mas, com grande honradez, não evitou apontar semelhanças de muitos artefactos encontrados com outros que datam de outras épocas.

O problema não está completamente esclarecido. A pintura que muitos desses vasos revelam não é frequente entre nós. Pode até dizer-se que, tirando um ou outro achado avulso, o espólio de Santa Olaia continua a ser único no nosso País.

Santos Rocha percebeu-lhe o valor, o que justifica a pertinácia que empregou no estudo do lugar e dos objectos encontrados.

*

* *

É esta a obra do homem ilustre a quem a Figueira da Foz vai erguer um monumento. A liquidação duma dívida que pretende fazer e em que está empenhada, honra-a sobremaneira, pois Santos Rocha foi um dos

grandes cientistas portugueses. Merece a distinção, mas também esta é digna dos maiores louvores, por lha querer prestar, por não o ter esquecido.

A *Associação dos Arqueólogos,* por seu lado, não podia olvidar a data do centenário do nascimento dum dos seus mais notáveis consócios, prestando à sua memória as homenagens a que tem jus.

COLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Acabou-se este volume aos 23
de Maio de 1955 e foi composto e impresso na Sociedade
Industrial Gráfica João Pinto,
Limitada, sita na Rua de Campolide, n.os 133 B e C, Lisboa